

ROSELEINE MESQUITA DA CUNHA ARAÚJO

**A ARTE RETÓRICA NA ORATÓRIA SACRA:
O ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E
ARGUMENTAÇÃO NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
2010

ROSELEINE MESQUITA DA CUNHA ARAÚJO

**A ARTE RETÓRICA NA ORATÓRIA SACRA:
O ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E
ARGUMENTAÇÃO NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Especialista em Língua Portuguesa à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da professora Dra Nancy Casagrande

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
2010

À minha família, pelo apoio ao longo desses anos

Agradecimentos

A Deus, meu guia, mestre e Senhor, pela vida, saúde, força e oportunidade de continuar meus estudos.

À minha família, pais, irmãos e esposo pelo amor, paciência e incentivo.

À Professora Doutora Nancy Casagrande, pela dedicação nos ensinamentos e orientações, por ter-me encantado com suas aulas e ter reafirmado em mim a certeza da decisão em lecionar.

Sumário

Considerações iniciais	1
Capítulo 1	
1. O estudo da Retórica.....	4
1.1 A Retórica Clássica.....	8
1.2 A Nova Retórica.....	12
Capítulo 2	
2. O conceito de Gênero.....	21
2.1 A importância do enunciado na divisão dos gêneros.....	23
2.2 O gênero epidíctico.....	28
Capítulo 3	
3. Contexto histórico do século XVII.....	32
3.1 A escrita Barroca.....	33
3.2 Antonio Vieira – O gênio da oratória sacra.....	35
Capítulo 4	
4. Análise de corpus.....	38
Considerações finais	48
Referências Bibliográficas	51
Anexo – Sermão da Sexagésima	53

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por tema o estudo da relação entre gênero e argumentação na organização do *Sermão da Sexagésima*.

A arte de articular bem as palavras foi, e ainda é, de suma importância para todos. Em qualquer situação cotidiana, na área profissional ou pessoal, o homem deve saber expressar opiniões e defender pontos de vista através da linguagem. A seleção lexical e a estruturação dos argumentos é o fator fundamental para que qualquer texto, oral ou escrito, alcance seu objetivo, portanto, não há como estudar argumentação sem referir-se à Retórica, ciência que teve seu auge na Grécia antiga.

Os objetivos desse trabalho são: examinar a relação entre gênero e argumentação na organização do Sermão da Sexagésima do Padre Antonio Vieira; verificar os recursos linguísticos utilizados no texto argumentativo, sob a luz da Retórica, enfatizando as etapas do discurso e identificar no texto epidíctico a seleção das principais figuras retóricas e como elas agem na adesão do auditório.

Desde tempos remotos, a importância de manejar as palavras com eficácia é um recurso fundamental para o homem e, nos dias atuais, tornou-se uma necessidade. Os detentores do poder são, em geral, aqueles que dominam as estratégias linguísticas, conseguindo a maior adesão. O homem passa grande parte de sua vida tentando convencer e persuadir pessoas, seja através de anúncios publicitários, campanhas políticas, uma aula na universidade seja até por meio de um sermão religioso, por isso, foi selecionado o *Sermão da Sexagésima* para ser analisado e para aprofundar o conhecimento na elaboração textual, em particular do sermão religioso e enaltecer, sobretudo, a produção do texto argumentativo.

As palavras não são valiosas apenas para transmitir os pensamentos e ideias, interpretá-las e descobrir o que subjaz no texto, seus vários discursos, é um processo imprescindível para linguistas, educadores, jornalistas, historiadores, advogados, juízes, etc., por isso, pretendemos com essa pesquisa ressaltar a importância das estratégias linguísticas para os usuários da língua. O estudo das

técnicas persuasivas torna o leitor mais crítico, aumenta sua capacidade argumentativa, propicia a ampliação do léxico, auxilia na identificação das intenções implícitas ou pressupostas no texto, desenvolve habilidades na seleção e organização das ideias e favorece o reconhecimento da intertextualidade, contribuindo assim, para a formação de cidadãos éticos, políticos e sociais.

Mesmo na condição de esquecida por muitos anos, a Retórica como arte argumentativa e persuasiva sempre esteve presente nos estudos linguísticos, seja pelos filósofos na pólis da Grécia Antiga, monopolizada pela Igreja e ensinada aos padres nos mosteiros ou na nova retórica *estilhaçada, fragmentada em estudos distintos* (Reboul, 2004, pg.82) .

Nos últimos anos, devido ao progresso nos estudos linguísticos, os especialistas servem-se da Retórica para pesquisa do discurso, apontando para as leis, normas e desvios que comandam a estrutura do texto argumentativo.

O texto clássico literário de Vieira , chamado de "imperador da língua portuguesa" por Fernando Pessoa, que escolhemos para esta pesquisa é referência em argumentação, sendo estudado por grandes pesquisadores da área linguística, exposto nas universidades e admirado mesmo passados quatro séculos, por ter exaltado a sua língua através do ofício da palavra.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos:

O primeiro intitulado *O Estudo da Retórica* trata das origens dessa arte. Inaugurada na Grécia Antiga, com objetivo de recuperar despojos dos atenienses, os retores e mestres na argumentação e persuasão não mediam esforços em articular discursos e angariar fama. A retórica atingiu seu apogeu com os ensinamentos de Aristóteles, principalmente no campo das paixões humanas, o qual será aprofundado no item 1.1 *A Retórica Clássica* ainda do primeiro capítulo.

A decadência da retórica aconteceu quando os sofistas contribuíram para que o sentido original da Retórica se tornasse pejorativo. Depois da queda da Grécia e a ascensão do Império Romano, a Retórica somente era ensinada e estudada pela Igreja, a qual detinha o poder e o conhecimento, até que, na década de 60, Chaim Perelman introduz a Nova Retórica, que mesmo herdando conceitos antigos e clássicos, nesta etapa, permite uma abordagem discursiva,

amplificada e contemporânea, explanados no item 1.2 *A Nova Retórica*.

O segundo capítulo abordará a concepção de gênero herdada de Bakhtin, permeando especialmente a importância do enunciado e o gênero epidíctico em questão, que classifica os sermões e discursos religiosos com principal característica o elogio e a censura.

O seu terceiro capítulo, propõe uma contextualização sócio-histórica e um breve estudo sobre *O Gênio da Oratória Sacra*, Padre Antonio Vieira, suas intrigas com o Santo Ofício e seu talento inato na arte de pregar no século XVII.

O quarto e último capítulo é composto pela análise do *corpus*, ou seja, o *Sermão da Sexagésima*, explicitando sua organização por meio das principais figuras retóricas e dos mais importantes argumentos geradores de adesão que o levaram a ser uma relíquia da língua portuguesa.

As considerações finais trarão as contribuições desta pesquisa para a área dos estudos referentes à linguagem.

Seguem, ainda, as referências bibliográficas e os anexos.

1. O ESTUDO DA RETÓRICA

A análise histórica explanada a seguir propõe que desde tempos primórdios, a partir do momento em que o homem fez uso da linguagem verbal, pode-se entender que existiu a retórica. Sendo inicialmente um privilégio grego observar, estudar e analisar tudo o que possibilitava defender qualquer causa e qualquer tese, inventaram a "técnica retórica" e logo em seguida, passaram a analisar a teoria da retórica para uma visão mais reflexiva e compreensiva de suas habilidades e de seu uso.

A primeira definição da retórica é dada por Córax como criadora de persuasão, numa época afetada por inúmeros conflitos judiciais e em que não existiam advogados, era preciso dar aos litigantes um meio de defender suas causas, nascia então a retórica judicial, "sem alcance literário ou filosófico, mas que ia ao encontro de uma enorme necessidade" (REBOUL, 2004:p.2).

Nessa época, o direito não era exercido através de uma profissão, portanto, não existiam advogados, ficando essa tarefa a cargo dos logógrafos. O logógrafo era apenas um escrivão, então, não poderia ter a perspicácia necessária para defender os litigantes.

Percebendo a necessidade de defesa,

os retores com seu senso agudo de publicidade, ofereceram aos litigantes e aos logógrafos um instrumento de persuasão que afirmavam ser invencível, capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil (eikos) (REBOUL, 2004:p. 2).

Os retores começaram então a usar argumentos que convenciam qualquer pessoa de qualquer coisa transformando assim o argumento mais fraco no mais forte e vice-versa.

Uma nova fonte da retórica surge com Górgias, a retórica estética e literária. Ele consegue integrar a linguagem oral comum (prosa) com poesia, literatura e eloquência, formando uma perfeita composição que encantava a todos

que o ouviam. Um dos grandes exemplos da retórica literária é o Elogio de Helena feito por Górgias e citado por Reboul (2004:p.5).

Os gregos recebiam apenas uma formação elementar na educação formal da pólis, com os retores deu-se uma grande inovação: um ensino intelectual aprofundado com a finalidade exclusiva de se obter uma cultura geral.

O novo tipo de ensino que estava em voga nessa época eram os ensinamentos dos sofistas, que nada mais eram do que retores que vendiam seus serviços. Esse tipo de ensinamento ou serviço era mal visto pelos filósofos, pois, como dito anteriormente, não trabalha em favor do verdadeiro, mas sim do verossímil. Os sofistas eram mestres da eloquência e da argumentação, e nesse ponto a eloquência se aproxima da filosofia. Essa discussão gera grandes conflitos entre filósofos e sofistas.

Sendo retórica a arte de convencer pelo discurso e sofisma um raciocínio com intenção de enganar, segundo os filósofos da época, os retores e os sofistas se opõem entre estas questões e seu elo só aparece em Protágoras, quando fundamenta que a todo argumento pode-se opor outro e que qualquer assunto pode ser sustentado ou refutado. Ele ensina também a arte de vencer uma discussão contraditória nomeada de técnica heurística.

Uma possível compreensão das ideias aristotélicas estudadas por Reboul (2004), seria então a de que a retórica ensina obter aquilo que se pretende de modo cooperativo e construtivo, traduzindo a verdade do orador na verdade do interlocutor. Ele deve agir de forma ética, transparente e honesta ao argumentar para que a argumentação e a persuasão não se tornem sinônimo sofístico de manipulação.

Uma das principais finalidades da retórica seria então a de utilizar a palavra em toda sua plenitude significativa, através de um caminho cognitivo lógico para obter adesão. Quando se usa uma determinada palavra, faz-se uma escolha de como representar alguma coisa. Sendo própria da linguagem a propriedade de persuadir, agir, refletir e representar idéias, o discurso torna-se uma prática efetivamente social.

Em Reboul (2004:p.8), um dos ensinamentos de Protágoras é: "Não existe verdade em si, mas uma verdade de cada indivíduo" [...] Nesta frase observa-se duas vertentes e isto a torna fascinante.

Numa visão global pode-se dizer que os sofistas criaram a retórica, então porque a existência deste laço entre o sofista e o retor? Certamente, porque a única arte possível de tornar algo privado de uma verdade absoluta em aceitação plena é a do discurso, ou seja, a retórica. A finalidade desta retórica não é encontrar o verdadeiro, mas sim o domínio através da palavra.

A retórica parece então estar no domínio sofístico, mas ela veio atender a diversas necessidades: técnica judiciária, prosa literária, filosofia e ensino; e somente Isócrates propõe uma retórica mais plausível e mais moral que os sofistas. Sendo ele professor de arte oratória e de retórica, ensina que para ser um grande orador é necessário ter aptidão natural, prática constante e ensino sistemático. Afirma ainda que a retórica é aceitável somente se estiver a serviço de uma causa honesta e nobre e que não pode ser alvo de censura quanto ao seu mau uso por alguns.

O autor deixa claro que a retórica deve ter um objetivo e depois procurar todos os meios de atingi-lo. Isócrates se proclama anti-sofista e não se considera um retor, ele se diz "filósofo" e assim sendo, enaltece a retórica.

Já Platão, em nome da filosofia, aplica-se em uma crítica de fundo contra a retórica quando coloca em pauta o diálogo de seu mestre Sócrates discutindo retórica com Górgias e dois de seus discípulos. Neste diálogo, Górgias tenta convencer Sócrates do poder da retórica argumentando através de alguns exemplos e Sócrates, por sua vez finge não compreender e espanta-se.

Os exemplos dados por Górgias citados em Reboul (2004:p.15) resumem em uma visão global da arte da palavra: "saber ouvir e fazer-se ouvir"; mas, na sequência em que amplia o argumento ao mesmo tempo o enfraquece pois fica claro que a retórica pode ser muito eficaz mas se não houver uma veracidade no alvo que se pretende atingir, o retor logo ficaria sem credibilidade.

Grandes pensadores como Aristóteles e Platão não mediram esforços para refutarem os sofistas, fazendo-se saber que os seus ensinamentos eram

importantes. Segundo Aristóteles, citado em Reboul (2004:p.8) a retórica como arte faz convencer o interlocutor através da oratória, ou seja, uma sequência de argumentos lógicos, emotivos que guiam o ouvinte até o objetivo do orador.

O conceito de retórica de Aristóteles, herdado de Sócrates, procura fazer o interlocutor convencer-se de que o emissor está correto, através de seu próprio raciocínio, portanto, segundo Reboul (2004: p.22), fica bem claro que a retórica se assemelha em muito à Dialética, definida por Aristóteles como “arte do diálogo ordenado” (in REBOUL 2004:p.28), sendo esta a arte de discutir, fazer argumentação dialogada, porque sua tarefa não consiste apenas em persuadir, mas sim em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão deles:

a retórica e a dialética são universais, no sentido de não serem ciências, de não implicarem nenhuma especialização e de possibilitarem a discussão de tudo o que for controverso [...] podem também ser ensinadas metodicamente, e são nesse caso técnicas [...] ao contrário da sofística, ambas são capazes de fazer a distinção entre o verdadeiro e o aparente: a dialética, entre o verdadeiro silogismo e o sofisma; a retórica, entre o realmente persuasivo e o logro.(REBOUL, 2004:p.35)

Reboul (2004) faz uma análise das vertentes apresentadas sobre a retórica e se faz uma pergunta: Qual o poder da retórica? Ora, mesmo com todo este poder que lhe é dado ainda é uma técnica cega e rotineira que ainda está longe de ser tudo aquilo que se almeja. Ele afirma que a retórica pretende ser mas não é uma arte, analisa o argumento de Platão que sustenta que existe uma "ciência", um conhecimento no domínio da justiça e da felicidade e por fim se questiona: Será que esta ciência existe ?

Finalmente, conclui seu raciocínio fazendo uma comparação entre a retórica de Platão e o que acontece nos nossos dias de hoje onde publicitários procuram "agradar" para "vender" e uma "ciência humana" que precisa ainda em muito ser formulada.

Em suma, nota-se claramente que o autor faz emergir, vir à superfície, o assunto retórica de uma forma bastante plena colocando-o em análise conjunta ao

sofisma e coloca em foco as opiniões de célebres oradores despertando assim o interesse no assunto que é tão vasto e tão usado em nossos dias aplicando-se em quase tudo o que nos rodeia.

1.1 A RETÓRICA CLÁSSICA

Um dos filósofos gregos que se tornou imortal devido aos seus estudos sobre a arte retórica foi Aristóteles. Atenas foi um dos palcos de sua ascensão intelectual, pois ele foi enviado quando pequeno para frequentar a academia de Platão, devido a conflitos e guerras políticas, Aristóteles vai embora de Atenas e segue para ilha de Lesbos, onde se torna educador. Um de seus alunos foi Alexandre da Macedônia, filho de Filipe II, e quando este morre, Alexandre sobe ao trono e Aristóteles volta para Atenas.

Aristóteles funda o Liceu, onde dava aulas para discípulos restritos e é neste período que escreve várias de suas obras, principalmente os ensinamentos sobre retórica, pois a instabilidade política de Atenas possibilitou aprofundar os estudos sobre a arte de convencer e persuadir pessoas: “depois de *Tópicos*, arte de conhecer e estabelecer o verossímil através da dialética, para não dar por verdadeiro o que só é verossímil (sofística), corrige-se o método pelas *Refutações*” (Cf. A. Reyes, *La crítica em la edad ateniense*, México, Fondo de Cultura Económica, 1967, p.207 in Aristóteles, *Retórica das Paixões*, 2003:p.XII)

Segundo Aristóteles (2003:p.XII), “o falar bem e o pensar bem são artes equivalentes”, assim ele unificava a retórica e a filosofia. A retórica como arte faz convencer o interlocutor através da oratória, ou seja, uma sequência de argumentos lógicos, emotivos que guiam o ouvinte até o objetivo do orador. Isto também, pode-se dizer, torna-se uma definição atual já que não existe texto ingênuo ou sem intencionalidade. O conceito de Retórica de Aristóteles, herdado de Sócrates, procura fazer o auditório convencer-se de que o orador está correto, através de seu próprio raciocínio, retoma-se então, como já explanado por Reboul (2004), as semelhanças com a dialética.

Desta forma, o discurso retórico seria aquele que busca representar, agradar, comover, seduzir e gerar constantes emoções para a aceitação do verdadeiro para o sujeito que ao utilizar a linguagem figurada, por exemplo, procura a essência das coisas, a vontade de expressar seus pensamentos através da linguagem, a qual por meio de instrumentos gramaticais podem ser tanto explícitos como implícitos, institui um sentido e atribui razões ao recorte da realidade. Aristóteles “destaca a utilidade da retórica afirmando que bom uso de qualquer faculdade do ser humano pode ser muito útil, enquanto o mau uso pode ser muito prejudicial” (Aristóteles, 2003:p.XIII).

As técnicas discursivas são os mecanismos de aproximação de real, a busca do verossímil e toda a importância da linguagem, tida como objeto que representa, como as paixões comuns ao mundo, à realidade exterior e ao sujeito agente de toda fluência natural das palavras. Portanto, o auditório ou interlocutor torna-se um participante e um personagem das ações da linguagem no discurso retórico.

As relações humanas são basicamente o ponto chave para pesquisa do discurso retórico, e a distância ou a proximidade entre os homens podem se medidas através de suas paixões, isto é, todos os sentimentos ligados ao prazer e ao sofrimento que interferem imensamente nas situações, decisões, atitudes e julgamentos dos homens.

O verdadeiro discurso argumentativo não deve estar limitado unicamente ao conhecimento passivo do caráter do interlocutor. Tem também de influenciar ativamente o seu estado de ânimo, provocando-lhes as emoções ou paixões (pathos) que mais convenham ao seu objetivo, pois este despertar das paixões adequadas no auditório é um dos mais importantes recursos de persuasão,

a paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro [...] nessas condições, que a paixão remete às soluções opostas, aos conflitos, à diferença entre os homens. A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional [...] (ARISTÓTELES, 2003: p.XXXV)

Desde a Antiguidade, a arte de bem escrever, propunha um trato com a palavra, essa envolvida pela Retórica. Segundo Aristóteles, a principal finalidade dessa arte seria a de se utilizar da palavra, de todos os seus meios, e de todas as maneiras, para obter a persuasão. O grande benefício da linguagem seria a sua capacidade de caminhar ao lado das escolhas humanas, daquilo que é necessário expor como conceitos, sentimentos e emoções.

O plano discursivo das paixões permite à língua adentrar na manifestação viva entre o destinador e seu imaginário, ou seja, utiliza tudo que existe em sua mente, lembrança e pensamentos para persuadir. Por isso, desde a antiguidade a retórica foi vista como a arte da palavra, a ação de elementos estilísticos, as figuras de linguagem, que tanto na linguagem oral como na escrita, provocam o verdadeiro valor do discurso argumentativo: o de produzir sensações, imagens e gerar vida sobre o outro, “A violência da paixão somente estimula as condições de caráter idêntico, de sorte que, aumentadas e fortalecidas, chegam a suplantar a razão” (Aristóteles, 2003:p.XXXVI).

Para ser um bom orador são necessárias duas coisas: saber argumentar bem e possuir perspicácia psicológica, por isso, Aristóteles além de analisar e sistematizar os recursos argumentativos, estuda os fatores psicológicos da persuasão, a começar pelo caráter (*ethos*) do orador. Uma outra definição salutar que Aristóteles faz da retórica é “antes de tudo um ajuste de distâncias entre indivíduos” (Aristóteles, 2003:p.XLII).

O poder de convicção do orador sobre o seu auditório não depende só dos fatos que aduza, das premissas que empregue, nem da sua boa argumentação. Ele deve agir de forma ética, transparente e honesta ao argumentar para que a argumentação e a persuasão não se tornem sinônimo sofístico de manipulação, visto que a argumentação visa convencer, o autor ainda reforça a idéia de identidade entre orador e auditório.

A genealogia passional de Aristóteles exprime os maiores sentimentos do homem, o jogo dos contrários e que pode transformar todo sucesso em fracasso e vice versa. Quando se quer persuadir alguém, deve-se construir as ideias no campo das emoções, deve-se sensibilizar o ouvinte para que ele pense ou realize

o que o orador busca, e portanto, a persuasão é decisória para qualquer discurso, e segundo Aristóteles (2003:p.XLII), é através da emoção que é gerada no ouvinte que o orador encontra o “parâmetro” de que ele precisa para alcançar seu objetivo.

Aristóteles (2003) esquematizou o discurso argumentativo em uma trilogia. O primeiro ponto tem relação com o caráter do orador (*ethos*), certamente se este possuir as competências necessárias para dialogar, transmitir ideias e saber ouvir a probabilidade de adesão será bem maior, pois o fator credibilidade é fundamental.

O segundo ponto da trilogia aristotélica é o *logos* que diz respeito ao próprio discurso, às técnicas que o orador irá utilizar para argumentar e para ressaltar sua tese, fazendo com que haja o menor número possível de refutações e se houver, ele deve estar preparado para elas.

A última parte da trilogia é o *pathos* que Aristóteles interpreta como a paixão que move o auditório. Certamente que os argumentos utilizados pelo orador serão lógicos e racionais, mas identificar o que move o auditório para convencê-lo é papel da persuasão, como já explanado anteriormente, é imprescindível para o orador identificar quais sentimentos ou paixões irão tocar o auditório a aderir à sua tese.

No prefácio da obra Retórica das paixões, Meyer conceitua: “Nem fim nem meios, as paixões são as respostas às representações que os outros concebem de nós, são representações em segundo grau” (2003:p.XL). Nas obras de Aristóteles, ele faz duas classificações das paixões, sendo que em *Ética a Nicômaco*, ele cita onze paixões e em Retórica ele cita catorze. Essa diferença existe porque no primeiro livro ele fala de paixões individuais e no segundo daquelas que passam por uma resposta da outra pessoa.

Somente em Retórica encontram-se alguns sentimentos-resposta como a vergonha e a indignação que são imagens formadas do outro. Todas essas paixões são a cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, imprudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor, indignação e desprezo.

Em um julgamento, por exemplo, um crime terrível fará com que as pessoas sintam indignação, ao passo que um delito pequeno fará com que as pessoas sintam compaixão. Essa relação com o auditório torna-se essencial no despertar das paixões para que se atinja o objetivo da persuasão.

Apenas com uma estreita relação com o auditório é possível persuadir e convencer, é como se o orador tivesse de integrar sua identidade à do auditório, procurando assim, despertar determinados sentimentos visando a adesão à ideologia proposta em seu discurso.

Ora, para que os homens sempre quiseram dominar a arte retórica? Por que tentam, independente da época, do lugar, da cultura e da ideologia, incessantemente convencer e persuadir pessoas? Aristóteles (2003) deixou essa resposta que se pode dizer é atemporal. A paixão é conseqüentemente a realização da práxis, ou seja, do agir, da prática em si.

Fazer com que pessoas ajam é, pois, um objetivo comum à humanidade, mas o caminho para isso não é muito simples, visto que lidar com mentes é um assunto complexo desde a antiguidade grega.

1.2A NOVA RETÓRICA

Durante muito tempo, devido aos ensinamentos sofísticos a retórica foi vista com olhar pejorativo, porém grandes estudiosos retomaram os estudos da argumentação envolvendo convicção e persuasão com uma nova abordagem discursiva, ampla e contemporânea.

Nos três últimos séculos, os teóricos e filósofos pouco se interessaram nos estudos da retórica, foi somente no século XX que se começou a esboçar uma corrente filosófica e acadêmica que tinha por objetivo retornar aos estudos retóricos, com base na retórica clássica, porém moldando-a ao paradigma contemporâneo.

Um dos líderes e fundadores da Nova Retórica é Chaïm Perelman (1996), filósofo de origem polonesa radicado na Bélgica, que inclui a Retórica Antiga e Clássica em seu trabalho, dando surgimento a essa chamada Nova Retórica. Em

seu *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*, Perelman (1996) introduz uma reflexão sobre as ideias de Descartes, em que a argumentação deve girar em torno da lógica e provas verdadeiras ou verossímeis, as quais Perelman (1996) denomina ideia de evidência, como principal característica da razão, pois para Descartes, a evidência ligaria o psicológico ao lógico, abrindo espaço para adesão das mentes dos interlocutores.

Com base nesse princípio, o autor diz sobre seu objetivo:

a teoria da argumentação não se pode desenvolver se toda prova é concebida como redução à evidência [...] estudar as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento (PERELMAN, 1996:p.4).

Segundo Abreu (2001), uma possível definição para argumentação seria a arte de convencer, utilizando as técnicas argumentativas, procurando ultrapassar as barreiras que impedem o consenso; é saber persuadir, preocupando-se com o outro, entendendo suas necessidades, sensibilizando-se com seus sonhos e emoções; é motivar o outro a fazer o que se quer, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha; é também saber dosar o trabalho com as ideias e emoções: “Saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro” (Abreu, 2001:p.10).

A Nova Retórica trata, pois, das técnicas de persuadir e convencer nos moldes antigos e clássicos retomando a dialética aristotélica e a deliberação. A dialética pode ser definida como a argumentação engenhosa e dialogada, engenhosa porque utiliza um método de raciocinar com lógica, e a terminologia deliberação, que é amplamente utilizada na obra de Perelman (1996), é originada do latim *deliberatio* e sugere o exame e discussão de um determinado assunto.

Uma das diferenças citadas por Perelman (1996) entre a retórica grega e a moderna seria a de limitação. A retórica antiga foi criada, como já citado no capítulo anterior deste trabalho, com a finalidade do discurso oral, nas assembleias gregas, já a nova retórica não se limita ao discurso oral, mas sim, amplia as análises a qualquer tipo de discurso, visto que na sociedade moderna o

convencimento e a persuasão estão presentes em todos os atos comunicativos da humanidade.

A união das retóricas transformada em uma Nova Retórica consiste em finalmente conscientizar-se de que a argumentação não tem apenas a rigidez das ciências tradicionais, mas abrange um enorme espaço na contemporaneidade e nas variedades aplicativas, sendo que é através da linguagem que o homem se coloca no mundo e marca sua existência, pois “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e por isso mesmo pressupõe a existência de um contato intelectual” (Perelman, 1996:p.16).

As pessoas se utilizam da argumentação o tempo todo, mesmo sem saber. O ser humano está sempre tentando persuadir e convencer o outro. Em tudo que se fala, se ouve e se lê subjaz uma intenção, ou seja, todos os discursos possuem uma intenção pré-determinada. A intenção do discurso pode estar explícita ou não, mas pode-se dizer que todo discurso tem um grau de retoricidade.

A linguagem é o processo pelo qual o homem interage com o mundo e a sociedade. É através dela que ele internaliza conhecimentos, impõe-se em seu grupo, expressa suas ideias, exige seus direitos como cidadão, enfim, atua no mundo. Sabe-se da tamanha importância do domínio da linguagem, pois através dela, pode-se influenciar, propagar ideologias e até liderar.

Abreu (2001) analisa a grande diferença entre convencer e manipular. A manipulação é inconsciente, diferente do convencimento que é através da troca de ideias, da mudança de pensamento através do raciocínio lógico e dialético, e portanto, saber argumentar não é tornar-se um manipulador, mas sim, tornar-se crítico e reflexivo. O autor defende ainda a ideia de que a persuasão deve estar no campo educativo, de maneira que os educadores aprendam a persuadir os alunos para o estudo, ensinando-os a não armazenar informações mecanicamente, mas transformá-las em conhecimento, e assim, procurar mostrar um mundo mais livre longe de repressões.

Sobre a escolha das palavras, o Abreu (2001) diz que quando se usa determinada palavra, se faz uma escolha de como representar uma coisa, pois essa escolha tem grande influência na argumentação. Exemplificando, Abreu

revela que tem mais efeito a tabuleta: “É primavera e eu não consigo vê-la”, do que simplesmente a palavra “cego” (Abreu, 2001:p.100).

A adesão dos espíritos, ou seja, o assentimento do auditório é um dos pontos mais importantes para se alcançar os objetivos da argumentação. Perelman (1996) aborda esse tema logo no início de seu tratado de forma muito interessante. Ele faz uma comparação com a clássica história infantil de Alice no país das maravilhas, onde a menina tenta entabular uma conversa com os seres desse mundo encantado ela não obtém êxito, pois, apesar de os seres compreenderem a linguagem de Alice, eles não tem motivos para iniciarem uma discussão.

Na linguagem humana existe uma hierarquia, maneiras de iniciar uma conversa, conforme convenções sociais, mas no mundo encantado não existe hierarquia nem funções que façam um responder ao outro. Com essa analogia o autor ressalta a importância do contato com o auditório, e o principal, o despertar da atenção, ou seja, o auditório tem de querer discutir, refletir, ou pensar sobre aquele determinado assunto, “é estar disposto a aceitar-lhe eventualmente um ponto de vista” (Perelman, 1996:p.19).

Nos âmbitos da argumentação, Perelman (1996) ainda relata que é obrigação do orador adaptar-se ao seu auditório o não o contrário. O auditório descrito pode ser uma única pessoa, um leitor, vários ouvintes ou até uma multidão, a premissa é identificar o perfil geral desse auditório para buscar adesão,

[...] há apenas uma regra a esse respeito, que é a adaptação do discurso ao auditório , seja ele qual for: o fundo e a forma de certos argumentos, apropriados a certas circunstâncias, podem parecer ridículos noutras [...]
(PERELMAN, 1996:p.28).

Em suma, sobre o auditório, pode-se dizer que seria impossível delimitar ou classificar os diferentes públicos existentes, devido aos fatores sociais, históricos, religiosos, geográficos, etc., o mais correto é interpretar auditórios como compostos por homens competentes ou racionais.

A noção do auditório torna-se fundamental para exploração das técnicas de convencer e persuadir, porque para quem se preocupa com os resultados, “persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação” (Perelman, 1996:p.30). O oposto também se torna verdadeiro, para quem pretende uma adesão de caráter racional, convencer é mais do que persuadir.

Deve-se ressaltar no que diz respeito ao convencimento, os argumentos são lógicos, ligados à razão, já no que diz respeito à persuasão, os argumentos estão ligados aos sentimentos, o auditório se contenta com razões afetivas e pessoais.

A proposta dessas definições pretende dizer que o convencimento também pode ser relacionado a qualquer auditório racional e a persuasão possui maior relação com um auditório particular, porém, no ponto de vista do autor essa distinção ainda pode ser imprecisa, porque mesmo que se faça uma linha oposta entre razão e emoção, inteligência e vontade, esses limites não podem ser categóricos na classificação do auditório, preferindo então o autor destacar que a eleição dos argumentos persuasivos ou convincentes deve ser feita segundo o auditório e não segundo os conceitos do orador, lembrando que auditório e orador são os termos mais usados na retórica antiga, e que na nova retórica, aplica-se a todo discurso, ou seja, situação comunicativa que compreenda emissor, interlocutor, mensagem, código e canal, visando adesão.

Perelman (1996) propõe-se a estudar as técnicas argumentativas que discursivas que autorizam incitar ou aumentar a adesão dos espíritos. Com base nesse panorama, o raciocínio retórico-dialético tão citado pelos filósofos e analisado por Perelman, recupera a ideia de “acordo” com o “auditório universal” (Perelman, 1996:p.35).

Existe ainda a deliberação consigo mesmo, pois os argumentos que são usados para convencer os outros são os mesmos usados anteriormente para reflexão do assunto. Quando o orador convence um auditório, ele acaba por esclarecer para si aquela determinada discussão, então, para o autor, o acordo consigo mesmo é apenas um caso particular do acordo com os outros, definido

como deliberação íntima, e quando isso ocorre, o orador é impelido a cercar-se de maior número de argumentos possíveis, para que quando questionado pelo auditório universal, esteja preparado para reforçar suas ideias.

Uma das condições retóricas para argumentação é ter uma linguagem comum com o auditório. O orador é quem deve adaptar-se às condições intelectuais e sociais do auditório e não o contrário.

Segundo Perelman, “os efeitos da argumentação nos ouvintes devem desencadear uma ação, seja ela positiva ou abstenção, ou pelo menos crie neles uma disposição para essa ação numa situação oportuna” (Perelman, 1996:p. 50).

Para os filósofos gregos, a perfeita argumentação seria aquela que conseguisse a adesão dos deuses, portanto, baseada apenas na verdade, porém, séculos mais tarde, os teóricos concordaram que seria muito difícil estabelecer um raciocínio argumentativo dialético com base apenas na verdade absoluta das coisas, visto que o raciocínio argumentativo trabalha com as provas probatórias, ou seja, no campo das possibilidades.

As questões dessa persuasão racional dos filósofos estavam ligadas em dois tipos de questões: problemas de conjectura e de qualificação. “Os problemas de conjectura são aqueles relacionados aos fatos passados, nos debates judiciais e aos fatos futuros, nos debates políticos” (Perelman, 1996:p.51), portanto, relacionados aos atos realizados e às consequências futuras. Assim, como o estudo dos fatos sobrepõe a adesão dos espíritos, os filósofos justificavam essa adesão pela verdade absoluta.

Na atualidade, esse tipo de estudo não é exclusivamente adequado para argumentação, porque ele está mais para a demonstração, assim sendo, dificilmente será refutado, todas as provas seriam válidas e ponto final, contudo, com o passar do tempo, os filósofos perceberam que essa postura não seria a única passível de sucesso para o orador, às vezes, mesmo com provas lógicas e racionais, não conseguia a adesão pretendida do auditório, então, entrariam em ação as técnicas da persuasão, afastando assim a argumentação exclusivamente objetiva.

Existia ainda, a classificação dos discursos por gêneros já citados

anteriormente: oratório, deliberativo, judiciário e o epidíctico, este último também tem destaque na obra de Perelman (1996).

A partir desses conceitos, o autor adentra à definição e classificação das figuras retóricas: As figuras retóricas são recursos linguísticos utilizados especialmente à serviço da persuasão” (Abreu, 2001:p.105)

O uso das figuras pode ter como efeito um “engrandecimento” da linguagem; fenômeno que pode ser observado em propagandas, por exemplo, na tentativa de seduzir um público-alvo em um anúncio publicitário.

Abreu (2001), assim como outros estudiosos da argumentação, faz uma reflexão sobre a importância do contato positivo com o auditório, que na Nova Retórica define-se como “acordo”, ressalta ainda a noção de auditório universal que ele define como “conjunto de pessoas sobre as quais não temos controle de variáveis” (Abreu, 2001:p.42).

Uma das premissas discursivas sugerida por Abreu, além da adaptação ao auditório é a de lançar mão de um discurso anterior à tese principal que se quer argumentar, assim como nos discursos políticos, os oradores iniciam o discurso com uma ideia de senso comum que praticamente não tem como ser contestada, e só depois passa à tese principal para que esta tenha maior adesão do público. Esta tese preparatória ele define como tese de adesão inicial e como “técnicas argumentativas os fundamentos que estabelecem ligação entre a tese de adesão inicial e a tese principal” (Abreu,2001:p.49).

Além das técnicas argumentativas, a persuasão que nada mais é do que desencadear ações nas pessoas através das emoções e valores, então, uma das lições que o autor transmite é que o orador deve sensibilizar-se para os valores do outro. Em primeiro lugar, as pessoas tem de saber o que ganharão se agirem conforme as ideias do orador, depois sim entraria o interesse em persuadir. O sucesso da persuasão está ligado intimamente aos fatores emocionais, pois o homem é mais emoção que razão. Aquele que quer persuadir deve saber previamente os valores de seu auditório e através das emoções levá-lo à mudança de ideias ou opiniões. É através da hierarquia de valores que o orador conseguirá atingir seu objetivo na persuasão.

Além das técnicas argumentativas apresentadas, Abreu (2001) analisa os efeitos das figuras retóricas nos discursos, as quais no passado apenas ornamentavam o texto, agora se sabe quais efeitos, emoções e sensações provocam no auditório. As figuras podem ser classificadas em figuras de som, figuras de palavra, figuras de construção e figuras de pensamento.

Este trabalho apenas apresentará as principais figuras, sem a pretensão de um estudo aprofundado, uma vez que esta pesquisa é inicial e poderá ser aprofundada em outra instância acadêmica. É importante ressaltar que essas categorias servirão como categorias de análise.

As figuras de som ligam-se à seleção de palavras por sua sonoridade. A mais conhecida é a Paronomásia que consiste em utilizar palavras de sonoridade parecidas e sentidos completamente diferentes. Os sons parecidos estabelecem uma correlação entre essas palavras.

As principais figuras de palavras são a metonímia e a metáfora. A metonímia consiste no emprego de um nome por outro, o uso da parte pelo todo. A metáfora é uma comparação abreviada, é a ideia de “transporte”, do sentido próprio para o sentido figurado.

Sobre as figuras de construção, o autor cita como principais o pleonasma, a hipálage, a anáfora, a epístrofe e a concatenação. O Pleonasma é o modo enfático, pode-se repetir um termo sintático ou uma ideia. A figura Anáfora ocorre como forma de organizar o texto, repete-se, a espaços regulares, uma palavra, uma expressão, uma frase. A Epístrofe é a repetição de palavras no final de frases sucessivas e a Concatenação é parecida com a Epístrofe, só que neste caso repete-se a última palavra da oração no início da oração seguinte.

Por último, as figuras de pensamento que são a antítese, o paradoxo e a alusão. Antítese é usada como forma de enfatizar uma oposição, duas realidades (dois seres, duas ideias) opostas são confrontadas. O Paradoxo ocorre quando duas ideias opostas podem fundir-se em uma única e a Alusão diz respeito a referência que se faz a um fato, um ser real ou da ficção, mas que seja conhecido do interlocutor.

Em resumo, as figuras de linguagem devem dar mais força à expressão,

mais beleza à frase, mais leveza ou gravidade ao discurso, sem esquecer a clareza do pensamento, visando o principal objetivo da Retórica, persuadir através do poder da palavra.

2. CONCEITO DE GÊNERO

A concepção de gênero que será abordada neste trabalho é a de Mikhail Bakhtin, um dos principais teóricos da língua do século XX. Seu legado é a base e fonte principal para qualquer estudioso da língua como ação social e primordial para interação humana.

Bakhtin era incompreendido no século XX por não fazer parte de um grupo de estudiosos chamados de formalistas russos, que eram talentosos pesquisadores que não tinham vínculo certo com nenhuma ideologia russa de sua época, o que ocasionou grande crítica aos seus trabalhos. Os formalistas russos defendiam a tese de que a arte e a literatura se serviam a si mesmas e não a fins externos, desse modo, a relação das obras não estão no autor, no leitor, na ideologia, mas sim nos seus próprios elementos constitutivos como por exemplo, a versificação, os processos narrativos e a estética verbal.

Mesmo que os formalistas russos não tivessem elo aparente com correntes políticas, as ideias que pregavam, herdadas dos poetas futuristas, acabaram indo ao encontro de ideologias em voga na época como o individualismo e o relativismo. A mudança de pensamento do homem levava a questionamentos sobre a arte e o que não era arte, gerando assim, algumas dicotomias como a da linguagem poética e linguagem prática.

A grande crítica que Bakhtin fez aos formalistas russos foi a de menosprezarem alguns aspectos da criação, já que estavam presos aos processos internos, não percebiam a importância do conteúdo, da relação da arte com o mundo, etc., e claro, esses pontos tem relação com o autor, uma pesquisa mais completa seria centrada não apenas no material, mas na forma e no conteúdo.

Pelo exposto acima é que Bakhtin se torna um dos principais teóricos de análise sobre a linguagem, visto que este trabalho trata da argumentação, especificamente no gênero epidíctico, os conceitos de gêneros do discurso deixados por ele são valiosos para fundamentar a análise do sermão, nosso

corpus de análise.

O início do estudo sobre os gêneros por Bakhtin se dá em virtude das relações e atividades humanas, pois, tanto quanto estas são infinitas, assim pode-se representá-las pela língua. Essas representações são feitas através de enunciados que podem ser orais ou escritos e estão correlacionados com as esferas das atividades humanas,

o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997:p.280).

É certo que cada ato de comunicação tem em relação às pessoas, as marcas individuais, o estilo próprio de cada indivíduo, porém, dentro dos três elementos citados por Bakhtin (1997) conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, pode-se dizer que existem nas esferas das atividades humanas, tipos relativamente estáveis de enunciados e a esses tipos denominam-se gêneros do discurso.

Tendo por base a denominação de gêneros explanada por Bakhtin (1997), percebe-se que a gama de gêneros é também infinita e a cada diferente esfera de comunicação pode-se tornar mais complexa. O autor comenta sobre algumas dessas esferas como a curta réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, documentos oficiais, os modos literários, etc.

Bakhtin (1997), para deixar claro imensa complexidade do assunto gêneros do discurso, lança mão de uma questão importante:

[...] ficaríamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há nem poderia haver um terreno comum para seu estudo: com efeito, como colocar no mesmo terreno de estudo fenômenos tão díspares como a réplica cotidiana (que pode reduzir-se a uma única palavra) e o romance (em vários tomos), a ordem padronizada

que é imperativa já por sua entonação e a obra lírica profundamente individual, etc.? (BAKHTIN, 1997:p.281)

O traço que une o estudo dos gêneros provavelmente é a diversidade funcional deles. Um dos gêneros mais estudados na antiguidade foi o gênero literário, mas apenas nos limites da literatura e não como enunciado distinto com suas peculiaridades. Depois o segundo gênero estudado foi o retórico e desta vez dava-se maior ênfase à relação do orador com o ouvinte e aos efeitos do enunciado, quais influências provocava nos ouvintes, mas ainda não era enfatizada a natureza linguística dos enunciados.

Os últimos gêneros estudados foram os do discurso cotidiano, o que era feito a partir das ideias de Saussure, ou seja, da linguística geral, contudo, eram estudados apenas os discursos orais pautados pelo behaviorismo, o que tornava as análises dos gêneros do discurso muito superficiais.

Bakhtin (1997:p.282) cita “não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado”, então ele classifica os gêneros em duas categorias: os gêneros de discurso primário (simples) e gêneros de discurso secundário (complexo), sendo que o primeiro pode retratar os diálogos do cotidiano por exemplo, e o segundo o romance literário, discursos científicos, etc.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENUNCIADO NA DIVISÃO DOS GÊNEROS

Existe uma relação entre os gêneros primários e secundários. Todo gênero secundário absorve, durante seu processo de formação, características do gênero primário, porém, o gênero primário perde sua relação com a realidade e passa a existir uma correlação dentro do gênero secundário. Um exemplo que o autor cita é:

[...] inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do

romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana [...] (BAKHTIN, 1997:p.282)

Somente com essa análise sobre o que é gênero primário e secundário é que se contemplaria a verdadeira análise da natureza do enunciado, dos seus aspectos distintos e essenciais. Qualquer estudo sobre atividades comunicativas deve levar em consideração a natureza do enunciado, porque essa teoria tornou-se imprescindível a qualquer tipo de pesquisa linguística que trata de enunciados concretos e relacionados com esferas das atividades humanas.

Essa importância é ressaltada pelo autor “ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração” (Bakhtin, 1997:p.283).

A língua faz parte de qualquer atividade humana, ou seja, faz parte da vida e o autor ainda completa dizendo que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (Bakhtin, 1997:p.283).

Um dos problemas linguísticos abordados pelo autor ainda sobre os gêneros do discurso é entre outros, o problema do estilo, pois está intimamente ligado aos enunciados. O estilo, como o próprio nome diz retrata a forma individual com que cada pessoa se utiliza dos recursos linguísticos para elaborar enunciados, porém, segundo Bakhtin (1997), nem todos os gêneros do discurso estão preparados para receber essa individualidade do estilo.

Alguns gêneros como o literário são propícios para o estilo individual, visto que refletem dados enunciativos tal qual a arte pede que se façam necessários. Já outros gêneros necessitam de uma “forma padronizada” (Bakhtin, 1997:p.284) de enunciados e não possuem a flexibilidade existente no gênero literário, por exemplo.

Na maioria dos gêneros, exceto os artísticos literários, são exigidas estruturas quase que fixas de enunciado e as formas individualizadas do estilo

apenas subjazem às formas fixas. São exemplos desses gêneros os documentos oficiais, as obras científicas, o discurso político, etc.

Sobre o estilo e o gênero, o autor explica que existe um elo entre eles, notado principalmente quando se refere ao estilo linguístico ou funcional, ou seja, “o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana” (Bakhtin, 1997:p.284). Em cada situação comunicativa, sabe-se qual gênero determinado será utilizado e também qual estilo mais convém àquela esfera de atividade.

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico [...] (BAKHTIN, 1997:p.285)

O estilo, dentro desse modelo, é o que vai representar as relações entre locutor e interlocutor, relação com o discurso do outro, etc., porém não existem classificações de estilos linguísticos que tenham por base a diversidade dos gêneros. O autor relata que houve muitas mudanças nos estilos linguísticos e conseqüentemente nos gêneros do discurso, como a língua é viva, as mudanças continuam, contudo, os estudos nessa área não avançam com elas, e que nenhum fenômeno linguístico pode fazer parte do sistema da língua sem antes “ter sido longamente testado e passado pelo acabamento do estilo-gênero” (Bakhtin, 1997:p.286).

Durante os anos, a língua vai se transformando e também modificando as marcas dos gêneros do discurso, tanto dos gêneros primários (diálogo oral, reunião social, conversa familiar) como secundários (literário, científico, ideológico) e promovendo a necessidade de uma ampliação desses gêneros e do modo como estudar suas estruturas.

Segundo Bakhtin (1997), o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros do discurso são de suma importância para uma análise do fluxo verbal, quer dizer, da comunicação em si. O autor completa:

o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações. (BAKHTIN, 1997:p.288)

O autor ainda faz algumas considerações sobre o enunciado como unidade da comunicação verbal. A língua se faz necessária para o homem expressar-se, por tanto ela é por essência resultado da criatividade de natureza individual, porém, o homem não se expressa para si mesmo, ele se expressa para um ouvinte e essa relação torna-se então, inevitável aos estudos da linguagem. Logo, não há como falar em funções da linguagem sem falar sobre locutor e receptor, mas esse receptor não é apenas um ouvinte passivo, quando se dá início um ato de comunicação, o receptor, ou interlocutor já começa a refletir e concordar ou discordar do discurso que lhe é apresentado, portanto, todo ouvinte também é um locutor. Pode ser que ele não dê a resposta imediata, mas conseqüentemente cedo ou tarde ele se colocará diante daquele discurso. Os gêneros secundários, geralmente produzem esse tipo de “compreensão responsiva de ação retardada” (Bakhtin, 1997:p.292).

Alguns termos linguísticos como “fala”, “fluxo verbal”, e até mesmo “discurso” não possuem uma definição única para os estudiosos da área, o que, em consequência, gera problemas de concepção para as significações de enunciado e gêneros do discurso. Acerca disso o autor ressalta que “A indeterminação e a confusão terminológicas acerca de um ponto metodológico tão central no pensamento linguístico resultam de um menosprezo total pelo que é a unidade” (Bakhtin, 1997:p.294).

Existem outros problemas que rodeiam a linguística, além das definições, no gênero secundário, por exemplo, nos gêneros retóricos, o locutor formula as questões, suas teses e ele mesmo às responde, ou refuta suas ideias para chegar novamente às teses, ora, isso nada mais é do que um modelo dos gêneros primários do discurso, mesmo que estejam dentro dos limites de um único enunciado, que aqui é tido como uma unidade de comunicação verbal.

O enunciado vai além da palavra e além da oração, ele representa a expressão do locutor e o contexto da situação comunicativa, portanto, na comunicação as pessoas não trocam orações, mas sim enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua. Ainda sobre os enunciados,

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras [...] (BAKHTIN, 1997:p.300).

O intuito do qual o autor fala é que vai determinar a escolha do gênero em que o enunciado será estruturado.

Um outro fator importante a ser analisado são as formas estáveis do gênero do enunciado. A escolha é feita através das necessidades que a esfera da atividade comunicativa requer. Na fala comum, todos os enunciados utilizam um determinado gênero do discurso, ou seja, um gênero que apesar da individualidade do locutor, tem uma estrutura relativamente fixa.

As pessoas possuem internalizados uma gama imensa de gêneros do discurso, mesmo sem se dar conta disso, isso acontece porque a prática do uso desses gêneros fez com que eles se tornassem parte da vida dos falantes, muito antes de serem teorizados e “esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática” (Bakhtin, 1997:p.302).

As pessoas aprendem a moldar gêneros do discurso mediante a situação em que se encontram, é certo que nas situações cotidianas, isso flui de forma mais solta e livre, o que não significa que não haja criatividade de enunciado nessas situações, porém, numa situação mais formal, por exemplo, existe uma seleção prévia dos gêneros. E quanto maior desembaraço ao transitar pelos gêneros do discurso, torna-se mais fácil de se encontrar a individualidade pessoal dentro deles.

2.2 O GÊNERO EPIDÍCTICO

Conforme já explicitado neste trabalho, os gêneros retóricos foram definidos por Aristóteles como oratório, deliberativo, judiciário e epidíctico, sendo que a este último cabe a classificação dos sermões. Perelman também deu atenção especial ao gênero e é à luz de sua obra que o gênero epidíctico será analisado, pois o sermão, como todo discurso religioso são regidos pelas normas desse gênero.

Na Grécia antiga, este gênero não despertava o interesse da maioria dos filósofos, enquanto os outros gêneros incitavam a argumentação dialética, a convicção e persuasão do auditório, o gênero epidíctico servia-lhes com maior intensidade na modalidade escrita, como elogio ou censura a determinado assunto.

A grande arte do bem falar girava em torno da eloquência, então, devido a essa falta de interesse no gênero em questão, ele foi deixado de lado e mais tarde, tornando-se objeto de estudo da gramática e usado apenas na literatura, porém, Perelman não concorda com esse afastamento entre os gêneros:

[...] acreditamos que os discursos epidícticos constituem uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação.

(PERELMAN, 1996:p.54).

Tudo está relacionado com a intenção e dependerá do objetivo do orador. O discurso epidíctico visa a despertar certa disposição nos ouvintes a respeito de valores, daí seu conceito de elogio ou censura. Esse tipo de discurso é o mesmo utilizado na educação, e como nem sempre deve adaptar-se aos ouvintes, tem um cunho didático, geralmente, o orador versa sobre verdades que mesmo não absolutas sejam difíceis de se contradizer. Diferentemente dos outros tipos de discursos retóricos, como já citado, visa uma disposição para ação e por isso é o que mais se aproxima do pensamento filosófico.

O discurso era visto como uma arte e comparado ao teatro e às competições atléticas, porém, por causa da particularidade desse gênero, ele era

delegado aos gramáticos pelos retores romanos, já que enfatizavam para seus alunos os outros dois gêneros. Para os teóricos dessa época, esse gênero era “uma forma degenerada de eloquência, que só procurava agradar, realçar, ornamentando-os” (Perelman, 1996:p.54).

Dependendo do gênero do discurso, o orador se propõe à diferentes finalidades. No gênero deliberativo, por exemplo, o orador aconselha o que é proveitoso aos ouvintes, no judiciário, o orador pleiteia o que lhe é justo e no gênero epidíctico se atém a elogio ou censura, e para Perelman (1996) trata-se de reconhecer valores. Depois de Aristóteles, vários teóricos misturaram a idéia de belo do discurso epidíctico com a própria beleza estética do discurso e por isso ele foi desligado da argumentação.

Por causa dessa distinção, os gêneros deliberativo e judiciário foram adotados pela filosofia e dialética e o epidíctico pela literatura, contribuindo assim, para a dissociação da retórica.

Alguns teóricos não deram a devida importância a esse gênero, porém, tempos mais tarde, Perelman diz:

[...] ora, acreditamos que os discursos epidícticos constituem uma parte central da arte de persuadir, e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação. (PERELMAN, 1996:p.54)

O autor acredita que a relevância desse gênero deve ser ressaltada pelo objetivo do orador. Sendo o objetivo geral do orador fazer com que o auditório aja conforme a reflexão de suas ideias, quando se consegue do auditório uma decisão, já se pode dizer que metade do objetivo foi alcançado, pois uma decisão é ponto de partida para a ação.

No discurso epidíctico existe um espaço de tempo entre a adesão e a ação às vezes diferente dos outros gêneros retóricos, por ser um discurso reflexivo e que gera censura, esse lapso de tempo maior ou menor se dá devido a intervenção do debate, e isso reforça a idéia de que a decisão pode ser mudada nesse intervalo e até mesmo reforçando a ideologia apregoada. “É nessa

perspectiva, por reforçar uma disposição para ação ao aumentar adesão aos valores que exalta, que o discurso epidíctico é significativo e importante para a argumentação”. (Perelman, 1996:p.56).

As preocupações com esse tipo de gênero discursivo são relevantes também ao orador. Ele não depende de sua reputação para aumentar a adesão como por exemplo nos discursos fúnebres, os quais também fazem parte desse gênero.

Já o discurso sacro, do qual trata esse trabalho, não pode ser considerado um espetáculo para glória do orador, e aí entram os valores do cristianismo, ainda que para linguistas, o gênero deva receber grande atenção pelo teor da elaboração, da estética e do impacto gerado no outro.

O fato da preocupação é considerável, pois o gênero epidíctico tão ligado à oratória, à literatura e à declamação oferece um maior risco de cair no sentido pejorativo da retórica, o qual é mais conhecido atualmente do que o próprio conceito verdadeiro.

O gênero epidíctico, segundo Perelman (1996:p.57), não está em demasia para uma “luta”, assim como os outros gêneros, pelo contrário, o caráter de reflexão e até a ideologia do cristianismo impregnada ao gênero fazem com que o orador seja aquele que “defenda valores tradicionais da sociedade, valores aceitos, os que são objeto de educação, e não, revolucionários, valores novos que suscitam polêmicas e controvérsias”.

O papel do orador, no gênero epidíctico, acaba se transformando em papel de educador, visto que, o discurso que prega trata de verdades universais e até verdades eternas, portanto, incontestáveis.

O padre, na igreja católica, cumpre esse papel de educador, pois o sermão, ou seja, a epidíctica da sua pregação versa sobre temas e matérias universais, assim como aquele que serve de objeto de análise desse trabalho.

Havendo ainda dúvidas sobre a importância do gênero epidíctico, o autor ressalta:

Os discursos epidícticos têm por objetivo aumentar a intensidade de adesão aos valores comuns do auditório e do orador; seu papel é importante, pois, sem esses valores comuns, em que poderiam apoiar-se os discursos deliberativo e judiciário? (PERELMAN,1996:p.58).

Os gêneros deliberativo e judiciário exploram valores para determinar uma ação enquanto o gênero epidíctico explora aqueles valores que já são um objetivo que o auditório quer alcançar, posto que trata das verdades universais como citado anteriormente.

Às vezes, por promover esses valores incontestáveis, pode-se dizer que esse gênero designe algum tipo de abuso por não ter de adaptar-se ao auditório, já que seu discurso não pode gerar controvérsia, cabe aí partir para o auxílio dos argumentos de Aristóteles citados em Perelman (1996:p.60) chamados “didáticos e que os ouvintes adotam porque o mestre disse”, logo, como discurso educativo que é não objetiva gerar ação no auditório e sim uma disposição para tal, e esse é o pensamento que mais se aproxima do pensamento filosófico. O autor ainda reforça que apesar da importância da divisão entre os gêneros, a vantagem de “oferecer ao estudo da argumentação, um contexto unitário: toda argumentação se concebe, nessa perspectiva, apenas em função da ação que ela prepara ou determina.” (Perelman,1996:p.60).

3. CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XVII

O gênero epidíctico, no qual se encontram os sermões, foi amplamente estudado e divulgado no século XVII, devido a acontecimentos sócio-histórico-religiosos que serão explanados a seguir. Na divisão dos estilos de época, o século XVII inclui-se no Barroco, período em que as grandes navegações e a igreja católica transformam o rumo da história.

Segundo Moises (1968), o domínio espanhol sobre Portugal afetou grandemente a sociedade portuguesa e conseqüentemente a brasileira, visto que a colônia não proporcionou as riquezas imediatas que a metrópole esperava, assim sendo, o sebastianismo era uma marca da época. Ainda no final do século XVI, o povo português sonhava com a volta de D. Sebastião que fora tido como desaparecido na batalha de Alcácer Quibir em Marrocos. O sebastianismo crescia à medida que Portugal entrava em decadência, ou seja, o povo rogava a volta do rei para reerguer o grande império. Esse período marca o final da Renascença e inicia-se o Barroco.

Nesse mesmo contexto, outros países da Europa passavam por uma efervescência científica, ou seja, a época das grandes teorias como a do evolucionismo. O embate ideológico religioso se intensificou após a Reforma Protestante de Martinho Lutero, então a igreja católica determinou a Contra-Reforma o instrumento capaz de devolver o poderio tomado da igreja:

No entender de alguns, o Barroco tornou-se a arte de Contra-Reforma, visto as características básicas do movimento estético servirem aos desígnios doutrinários e pedagógicos da igreja na luta anti-reformista. (MOISÉS, 1968:p.83)

A época do Barroco inicia-se em 1601, quando Bento Teixeira publica seu poemeto épico, *Prosopopéia* e termina em 1768 com a publicação de *Obras Poéticas* de Cláudio Manuel da Costa. Durante a vigência da estética barroca, importada diretamente da Espanha, a qual dominava Portugal, “cultivam-se a poesia, a historiografia, a literatura doutrinária ou de informação da terra e a

oratória” (Moisés, 2007:p.35), porém a contra-reforma teria absorvido a estética barroca, fazendo dela uma espécie de estratégia catequizadora, e essa mistura de propósitos talvez tenham contribuído para o aspecto difuso do Barroco.

Em suma, pode-se dizer que o Barroco tentou conciliar a ideologia medieval de base teocêntrica com a ideologia renascentista de base antropocêntrica. A oposição de valores terrenos e divinos foi a principal característica dessa época. Duas tendências influenciaram o homem barroco, principalmente na escrita, o Conceptismo e o Gongorismo.

3.1 A ESCRITA BARROCA

As modificações que ocorreram no Barroco afetaram o homem seiscentista. A valorização do processo descritivo das coisas auxiliou na grande ocorrência das metáforas e imagens, ou seja, as chamadas sinestesias. Conforme comentado acima, duas tendências embasaram principalmente a literatura barroca, que por sua vez, reflete na prosa sermonária.

Esclarecendo resumidamente, segundo Moisés (1968), o Gongorismo procura uma linguagem rebuscada, especiosa e rica e para isso, os escritores do século XVII lançam mão de neologismos, hipérbatos, trocadilhos e todas as demais figuras que tornam o estilo pesado e tortuoso. Já o Conceptismo propunha analisar as coisas e conceituá-las através da lógica, da inteligência e da razão:

Ambos os “ismos” obedecem a uma concepção pragmática de arte: o primeiro, enaltecendo as sinestesias, procura criar uma atmosfera de brincadeira verbal com o objetivo certo de entreter [...] ao passo que o Conceptismo serve-se da dialética na medida em que organiza logicamente as idéias com o fito de convencer e ensinar. (MOISÉS, 1968:p.85)

A Contra-Reforma e o Barroco se fundem no ponto que o processo conceptista se prestava primordialmente aos temas ecumênicos, quer dizer, os eclesiásticos, aos evangelizadores e pedagógicos do clero, e formavam portanto,

um certo tipo de “aliança”, basta que o contexto seja reportado aos jesuítas da Companhia de Jesus que segundo Moisés (1968:p.85), “organizava-se como uma verdadeira milícia armada do corpo de doutrina, por sua vez informada pela dialética escolástica, *ipso facto*, conceptista.”

Esse fato histórico e de cunho religioso é reforçado nos estudos de Pécora que explica qual seria o trabalho verdadeiro da Companhia de Jesus:

verdade que, no contexto contra-reformista, o esforço de recristianização do orador eclesiástico e de impedimento de sua laicização através da eloquência clássica, fez com que recrudescesse a cautela devota contra os perigos da arte pagã e laica por excelência. (PÉCORA, 2001:p.157)

A preocupação com o estilo foi uma das principais características do século XVII e segundo Candido e Castello (1991) citado em Nogueira Júnior (1999), existia um cuidado com a elegância; o uso intenso da imaginação e da idéia abstrata; a utilização de hipérbatos, hipérboles, antíteses, alusões e trocadilhos.

Um dos principais representantes desse estilo de época foi o padre Antonio Vieira, que por sua vez, era incessante defensor do conceptismo e para Nogueira Júnior (1999) dos gêneros que marcam o Barroco, os destaques estão entre o poético, a prosa informativa e histórica e a oratória, sendo que da última o maior representante.

O discurso de Vieira estava amplamente relacionado ao discurso do Estado e da igreja católica, por consequência, ligado ao discurso bíblico e enfim à sociedade do século XVII, logo, seria impossível uma análise do sermão desvinculada do contexto histórico e suas condições para a produção do mesmo.

Em virtude da história da colônia e pragmática por natureza, a oratória barroca é predominantemente sacra e destinada à evangelização e conversão dos colonos aos os conceitos e valores do cristianismo.

3.2 ANTONIO VIEIRA – O GÊNIO DA ORATÓRIA SACRA

Antonio Vieira nasceu em Lisboa em 1608, ingressou ao Brasil com seis anos de idade e logo mais tarde estudou no colégio jesuítico. Em 1623 entra na Companhia de Jesus e, onze anos mais tarde, ordena-se padre. Em 1633 estréia no púlpito para o público na igreja da Conceição na Bahia e aos dezoito anos vai lecionar retórica para o colégio de Olinda.

Em pouco tempo, Vieira ganha fama de grande orador e em 1640 prega seu famoso sermão contra os holandeses. Com o movimento português de restauração da independência, e libertação do jugo espanhol, viaja para Portugal para professar lealdade ao novo rei D. João IV, com o qual o sacerdote passa a usufruir privilégios, prestígio e respeito. Estréia na Capela Real em Lisboa com o Sermão dos Bons Anos. É nesta época que, segundo Moisés (1968:pg.86) seu “talento oratório atinge o apogeu”, sendo até enviado, pois o rei confiava em sua inteligência, em missões diplomáticas a outros países.

Retorna ao Brasil em 1652, especificamente para o Maranhão, onde sua missão seria a catequese e conversão dos indígenas. Vieira além do sacerdócio, exercia grande influência social e política na corte portuguesa, logo, foi uma importante figura pública.

Em consequência das situações vividas no Maranhão, os numerosos desmandos dos colonos em face ao estado dos indígenas, o missionário começa a ser perseguido e acusado de heresia pela Inquisição, o que lhe gera reclusão por algum tempo, porém, quando posto em liberdade se torna orador do salão da rainha Cristina da Suécia e depois disso ainda volta a Lisboa e finalmente ao Brasil, onde termina de registrar e escrever seus sermões, conforme explicação de Moisés (1968:p.87), porém, para Lisboa (1952:p.273) ele tinha mais de português do que de jesuíta, mais amigo da pátria, da corte, e dos grandes, que da sua ordem.

Ainda segundo Moisés (1968), o Padre Vieira era dotado de um talento e um dinamismo incomensurável que o levou a participar de todos os aspectos da vida social e política, sendo que se destaca a campanha em for dos escravos,

indígenas e judeus, os quais eram perseguidos pela Inquisição. Essa luta ultrapassou seus limites sacerdotais pois colocava todos na mesma condição humana, e apesar de tudo, o tornou o grande espetáculo do Barroco luso-brasileiro.

Pécora (2001:p.143), em sua obra *Máquina de Gêneros* diz sobre Vieira: “[...] o serviço de expansão da fé católica e do Império português são tão indissociáveis entre si, quanto em conjunto, são inalienáveis da arte de pregar”.

Vieira era favorável às idéias conceptistas e repudiava a maneira de escrever gongórica, e sobre o prólogo do Sermão da Sexagésima, que será analisado no corpus desse trabalho, Moisés (1968:p.88) ressalta: “Espécie de profissão de fé da oratória conceptista, nele o orador procura examinar as condições indispensáveis para que faça fruto a palavra de Deus”.

Para Pécora, Vieira tratava a Retórica Sagrada como arte e diz sobre ele: “Arte que lhe interessa comentar é essencialmente sua, de pregador cristão, cuja finalidade está em semear a palavra de Deus, e fazê-la frutificar no coração dos fiéis e no corpo místico do reino” (Pécora, 2001:p.136), esse autor afirma também que o Sermão da sexagésima é uma espécie de sermão-meta do “monstro do engenho” (p.139) já que é aquele que ensina como deve ser a verdadeira pregação, já que para ele, o púlpito havia se tornado lugar de comédia na época, mas pregar seria inerente a Roma, cujo povo deveria propagar a fé cristã para conversão das almas dos gentios.

O auditório deve ouvir o que é necessário e não o que seria de seu gosto, e segundo Pécora (2001), o gosto é uma faculdade mais da vontade do que do intelecto, ou seja, incapaz de avaliar a justiça da palavra sagrada que é aspecto irreduzível da arte de pregar. A vida dos oradores está principalmente no seu discurso, e o triunfo oratório é como o ganho de uma batalha para eles.

No glorioso tempo em que pregava seus sermões, o padre Vieira era invejado por oradores contemporâneos e não raro, utilizava seu ministério e de suas pregações para atingir seus rivais e segundo Lisboa (1952), falava sobre os assuntos em voga, como a restauração da independência portuguesa, e falava da

maneira e com os trejeitos dos melhores oradores e sermonistas do século XVII, porém, sua genialidade se dava pelo engenho:

A uma notícia vasta, imensa, e quase universal de todas as ciências e luzes antigas e modernas, sagradas e profanas, reunia Vieira a novidade e a agudeza, próprias de seu engenho, com que tratava e desenvolvia as matérias, a facilidade e a pureza, cópia e energia da linguagem; não menos que a eficácia e nobreza da declamação e do gesto, em que era singularmente ajudado pelos dotes corporais. (LISBOA, 1952:p.270).

O talento exacerbado, advindo da mente brilhante de Vieira, rendia-lhe o título de “iluminado”, convicto das verdades que pregava, sem nunca esmorecer, numa estrutura silogística que convencia te mesmo o mais astuto espectador. Depois dos tempos áureos de Vieira, ocorreu, como ocorre com todo fenômeno, uma espécie de decadência, porém, devido ao tema, esse trabalho pretendeu explanar até aqui, onde a divina oratória de Vieira alcançou seu apogeu.

Considerando os aspectos sobre retórica, argumentação, e gêneros expostos neste trabalho, reiterando ainda que o gênero epidíctico deve propiciar uma reflexão para ação, a seguir, propõe-se uma possível análise do *Sermão da Sexagésima* sob a luz do estudo das principais figuras retóricas e dos instrumentos nele utilizados capazes de atingir o auditório.

4. ANÁLISE DE CORPUS

Serão analisados neste capítulo, alguns pontos principais sobre argumentação, persuasão e as mais aparentes figuras retóricas no gênero epidíctico, isto é, no sermão. O corpus desse trabalho é o *Sermão da Sexagésima* que foi pregado na Capela Real de Lisboa em 1655. Devido ao seu caráter intrépido, Vieira era cercado de conflitos, desde conflitos com pessoas comuns e até com pessoas de sua própria ordem eclesiástica, portanto, ele se servia dos sermões, ou seja, de sua autoridade oratória pública para atacar ou atingir esses rivais ideológicos. Entre esses rivais encontravam-se os dominicanos, os quais seriam, ou deveriam ser os principais expectadores do sermão em questão.

Vieira utilizava a causa barroca e a ironia como armas para atingir seu auditório, no caso do Sermão da Sexagésima, já que atacava os dominicanos, criticava-os e apunhalava principalmente a maneira de pregar desses e segundo Lisboa (1952), fazia-os suspeitos de falso zelo apostólico, segundo uma formulação sua, os dominicanos viviam da fé, com os proventos da Inquisição, já os jesuítas, morriam pela fé, nos serviços arriscados das missões.

Um de seus principais alvos foi Frei Domingos de S. Tomás, porque este cultivava o estilo de pregar florido e obscuro dos gongóricos, tão criticados por Vieira. O *Sermão da Sexagésima* pode ser classificado como do gênero epidíctico, classificação esta já justificada no capítulo 2 desse trabalho, pois se trata de uma censura, de caráter punitivo, tanto aos dominicanos, como aos colonos do Maranhão. Posto tal local de pregação do sermão, pode-se deduzir que seu auditório era a nobreza, e seu sermão relatava que a não conversão em massa pelo catolicismo, nada mais era do que culpa dos próprios pregadores da época.

O *Sermão da Sexagésima* possui uma essência satírica e polemística, pontos que encerram uma das teorias da arte de pregar, talvez por isso, seja o maior exemplo da personalidade complexa do pregador.

Segundo Moisés (1968:p.88) “O processo mental empregado e defendido é o conceptista, mas a linguagem procura soluções clássicas, enquanto equilíbrio, justeza, verdade e clareza”. Ainda segundo o mesmo autor, a formação humanista

e clássica de Vieira aliada ao idealismo dogmático dos textos evangélicos, reúne a racionalização necessária para a ideologia conceptista ao objetivo eclesiástico de frutificar a palavra de Deus. Ora, a intenção do orador não é chamar o ouvinte ao dever de pensar para fazê-lo agir? Então se pode dizer que esse despertar das consciências faz um elo com o presente do auditório com os textos sagrados, e assim, o orador busca as analogias e correspondências. Para Moisés (1968), cria-se dessa forma um parentesco alegórico entre ambos. O poder das Escrituras, que é posta em linguagem acessível às pessoas, é acompanhado por um problema, neste caso, como deve ser uma verdadeira pregação, o qual deve ser acompanhado e desenvolvido através de raciocínio lógico pelos ouvintes.

O orador desafia o auditório através de um jogo dialético incessante, mas com o principal objetivo de impressioná-los, traumatizá-los e por fim levá-los à ação pretendida. Esse jogo dialético recheado de paradoxos, ambiguidades, analogias e sinestésias levará o ouvinte à conclusão já prevista nas premissas do sermão.

Moisés (1968) expõe que os sermões vieirianos seguem a estrutura clássica tripartite: *Intróito* (ou *exórdio*), em que o autor declara o plano a utilizar na análise do tema em pauta; *desenvolvimento* (ou *argumento*), em que o orador apresenta os prós e contras da proposição e os exemplos que os abonam; *peroração* e que o orador finaliza a prédica conclamando os ouvintes à prática das virtudes que nela se enaltecem.

O título *Sermão da Sexagésima*, no original em latim seria *Semen est Verbum Dei*, ou seja *Sermão da Palavra de Deus*, mais especificamente tirado do evangelho segundo escreveu São Lucas sobre a Parábola do Semeador.

A máxima desse sermão seria composta através de uma metáfora, uma das mais conhecidas figuras de linguagem, essa metáfora, que nada mais é do que um tipo de comparação, só que de forma lúdica, figurativa, para facilitar o entendimento, esta é aplicada ao texto do evangelho de Lucas cap.8 versículo 4 ao 15, ou seja, a Parábola do Semeador, ao contexto de sua época.

O sermão é dividido em 10 capítulos ou partes, sendo que o primeiro capítulo inicia-se com a menção da parábola do semeador e logo nas primeiras frases há

uma comparação entre os homens e Deus, “O mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que despeneis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim”. (Vieira, pg.84), o orador não exitou em comparar a paga humana com a recompensa divina aos que saem para semear o evangelho de Cristo. Encontra-se aqui um primeiro argumento que desvenda o porquê de se pregar a palavra de Deus, não esquecendo de que o sermão foi pregado aos nobres e religiosos das ordens católicas em Lisboa.

Um outro ponto importante desse primeiro capítulo é a figura da ironia, quando Vieira expõe sobre os pregadores do evangelho, diz que alguns como Cristo saem para semear, outros não saem. O verbo *sair* tem nesse contexto, um sentido mais amplo e complexo, como já apresentado anteriormente, o ataque irônico desta vez é em especial aos dominicanos, ou seja, os que não saem e pregam em sua própria pátria, já os jesuítas, que saem às missões pelo mundo hão de ser bem mais recompensados por Deus.

O lugar do orador, segundo Pécora (2001), seria a própria distinção entre os pregadores do evangelho dentro da hierarquia ordinária.

Através de citações, que seriam elementos de intertextualidade com as Escrituras Sagradas, o orador chama a atenção do ouvinte e o interpela por várias vezes, ressaltando então, a ênfase à dialética conceptista, o fazer pensar, levar os ouvintes a uma reflexão. As analogias são presentes em diversas ideias do sermão, por exemplo, quando, ainda no primeiro capítulo, o orador fala das criaturas e dos desafios aos semeadores, “Ide, e pregai a toda criatura”.(Vieira, p.86).

A metáfora dos trigos, trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado servem de base para que o orador desabafe sobre as desventuras sofridas na missão ao Maranhão. Em diversos momentos transcorridos no sermão, o padre faz citações em latim, demonstrando excepcional argumento de autoridade, porque a Bíblia foi traduzida do hebraico para o grego e latim, provavelmente também para mostrar a habilidade e desenvoltura com que domina as Escrituras. Ainda sobre sua estadia no Brasil, argumenta embasado na retórica das paixões, sobre os males sofridos pelos missionários que estiveram no Amazonas,

Tocantins e ilhas Aroás, num mover persuasivo, provoca o espanto e a admiração dos ouvintes, sendo que todo o tempo demonstra a sua grande preocupação com a seara, que no sermão simboliza as pessoas que não conhecem o evangelho.

As perguntas retóricas são o grande trunfo do orador, através do texto bíblico faz com que o auditório se puna, como se a própria voz da consciência as fizesse e pedisse uma ação.

Nos trechos: "Ir e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante", e [...] "ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos" (Vieira,p.88), as antíteses são abundantes, amplamente divulgadas ao estilo Barroco, como exemplo dos verbos "ir" e "voltar", "perder" e "lograr", com os quais lança o sofrimento do próprio Cristo, tornando-o seu exemplo particular, no semear a palavra, mas sem desanimar e com colheita de grandes frutos ao final.

O segundo capítulo também é iniciado com metáforas, novamente o pregador utiliza o campo semântico relativo à agricultura para fazer referências ao evangelho como semente, ao semeador como os pregadores e espinhos e pedras são os corações dos homens aos quais, lançada a semente, esta seca e Deus não consegue nele criar raízes. Nota-se nessa técnica vocabular que o léxico do qual Vieira se apropria, é com certeza, algo bem próximo dos ouvintes, visto que no século XVII a base de subsistência seria a agricultura.

A censura do sermão é observada em vários trechos quando é feita novamente uma relação entre a história, mais especificamente as eclesiásticas com a contemporaneidade: "tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes, os grandes desprezando as riquezas e as vaidades do mundo [...] "E hoje? Nada disto" (Vieira,p.90)

O paralelismo também é um instrumento de raciocínio que organiza as ideias para que os próprios ouvintes façam as comparações, as analogias, compreendam os símbolos.

A alegoria, que segundo Reboul (2004:p.130) "é a descrição ou uma narrativa que anuncia realidades conhecidas, concretas, para comunicar metaforicamente uma verdade abstrata, ela é a estrutura do provérbio, da fábula e da parábola", torna-se então, a figura ideal para classificar o sermão.

Ao final do segundo capítulo, tem-se a matéria do sermão propriamente dito, se a palavra de Deus angariava tantos frutos no passado, porque nos dias atuais não o faz? A palavra, ou a semente mudou, os pregadores ou os ouvintes? Para Vieira, essa seria a grande tese a ser desenvolvida no sermão, por assim dizer, o que estaria acontecendo com a arte de pregar? Sobre o pregar dos tempos de Vieira, Pécora (2001:p.155) ressalta: “publicar a verdade suposta na pregação é também silenciar o pregador vulgar do tempo, que, em tudo faz a sua arte contrária à palavra divina que lhe dá fundamento, sustentação, finalidade e eficácia”.

Prosseguindo no terceiro capítulo, o orador segue as analogias entre olhos, que seriam o conhecimento, o espelho seria a doutrina e luz seria a graça de Deus. Para estimular a atenção dos ouvintes e convencê-los de que há alguma coisa errada com as pregações que não frutificam como deveriam, ele recorre novamente à fé dogmática, explicando que o problema não está em Deus, porque sua divindade e soberania são incontestáveis, logo, o problema estaria com atuais semeadores ou com os ouvintes. “Sendo pois certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador, ou por falta dos ouvintes”. (Vieira,p.92). Ele continua desenvolvendo essa premissa e esmiuçando-a até que não se tenha dúvida alguma por parte dos ouvintes sobre com quem estaria Neste ponto pode-se entender que Vieira ataca os dominicanos, obviamente sem citá-los.

Na conclusão dessa terceira parte, o orador ressalta que a falta também não seria dos ouvintes, pois na comparação dos ouvintes como pedras e espinhos, ele respalda-se nas Escrituras para afirmar que até nesse campo árduo a palavra floresce, portanto, resta a falta apenas aos pregadores.

Os jogos metafóricos continuam na quarta parte do sermão, em que é atribuída a falta de conversão aos pregadores, ele tece a rede que permeia o ato de pregar, falando sobre a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. Em seguida, compara os pregadores aos semeadores e a ação de semear com o pregar. Para Vieira há uma grande distinção entre essas premissas, então, mais

uma vez referindo-se à Bíblia exalta o exemplo de Cristo, ao que todos os pregadores deveriam seguir para que suas pregações surtam o efeito desejado. Esse estilo de pregação ideal, para Pécora (2001) seria aquele em que o orador deve definir:

tanto o engenho natural quanto o domínio técnico das regras, divulgação do feito extraordinário e, também, anúncio profético de outro maior e mais perfeito, que apenas após a intervenção do pregador poder-se-ia conceber com nitidez como arte. (PÉCORA, 2001:p.139).

O ato de pregar, argüí o orador, não o deve ser com a boca, mas sim com as mãos, como o ato de semear, pois neste ponto ele fala de obras. Apela ainda para exaltar as obras para a maior história cristã, de que Deus enviou seu filho à terra, e Jesus como Deus e Homem, seria a própria palavra e obra inaudita de Deus.

No capítulo cinco do sermão, Vieira faz séria crítica ao estilo de pregar em voga, principalmente no que diz respeito ao exagero no conceptismo ou cultismo: “Será por ventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empeçado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza?” (Vieira,p.98). Noutro trecho, no auge de sua eloquência exorta novamente os pregadores, procurando impactar o auditório através de palavras com carga semântica que não condizem com uma pregação, dizendo que as palavras deveriam fluir naturalmente para que nasçam e frutifiquem da mesma forma: “Assim há de ser o pregar. Hão de cair as coisas e hão de nascer, tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa!” (Vieira,p.99). Sobre o engenho inigualável de Vieira, Pécora diz:

Desse modo, não convém fazer da recomendação de Vieira de uma “arte sem arte” qualquer recusa do ornato dialético ou do conceito engenhoso como procedimentos artísticos adequados, mas notar, sim, que está se referindo à arte do sermão. (PÉCORA, 2001:p.158)

Ainda na mesma parte, Vieira faz uma associação analógica muito interessante entre o céu e o pregador. Diz que o céu seria o primeiro pregador do mundo, suas palavras seriam as estrelas e seus sermões seriam a ordem, harmonia e curso das estrelas. Para o orador o sermão deve ser composto por simplicidade, clareza e facilidade de raciocínio, ou seja, uma arte com a simplicidade da natureza.

Nesse capítulo encontra-se também um jogo de opostos, tipicamente barroco: branco e negro, dia e noite, luz e sombra, subir e descer, ainda utilizando o recurso linguístico-semântico das antíteses para dar maior força e funcionalidade no seu discurso.

Há ainda no mesmo capítulo uma perseguição acirrada ao cultismo, desta vez clara e explícita:

[...] este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. (Vieira,p.101).

Em seguida, Vieira trata da matéria do sermão, a qual, para ele, deve ser somente uma, ele respalda suas palavras nas Escrituras novamente, dizendo que Cristo semeava um único gênero de sementes. Mais uma vez, com um vocabulário tipicamente agrícola, fala das sementes, relacionando-as analogicamente à palavra pregada. Se o pregador utiliza várias matérias para sua proposição, como irá este colher o que deseja? Através dos exemplos de personagens da história cristã como Jonas e João Batista, para dar ênfase e autoridade às suas palavras, ou seja, não é ele quem está falando, os exemplos vem das Escrituras Sagradas, as quais são incontestáveis.

Vieira define o sermão ideal, agindo como mestre da argumentação e da persuasão que o é, ensina e exorta de maneira simples aos seus ouvintes. A repetição dos verbos e seu tempo no presente, reforçam as ideias principais do sermão a respeito da arte de pregar, chamando a atenção para a ação e ressaltando assim, como deve ser a disposição do sermão:

há de defini-la, para que se conheça; há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a Escritura; há de declará-la com razão; há de confirmá-la com o exemplo; há de amplificá-la com as cousas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências [...] há de se responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar demais alto. (Vieira, p.103)

Retomando agora o conceito de auditório fica notória a perspicácia de Vieira ao se dirigir desse modo aos seus ouvintes, visto que seu auditório é composto por nobres e clero de várias ordens, ele não abre mão de atacar e, ao mesmo tempo, mostrar como deve ser um verdadeiro sermão. A sexta parte ainda comporta outras metáforas do mundo natural para relacionar ao evangelho como raízes, troncos que seriam a matéria, os ramos seriam os diversos assuntos, as folhas as palavras selecionadas, as varas seriam a repreensão dos vícios mundanos, as flores seriam as frases e por último, e mais importante, os frutos que seriam a conversão das almas.

Seguindo sobre o pregar, na sétima parte do sermão, Vieira faz uso da alegoria, segundo Reboul (2004), alegoria didática, da história de Adão e Eva e a árvore do conhecimento para repreender os pregadores que se servem de matérias alheias, isto é repetindo ou copiando textos de outrem para tentar angariar frutos ao reino, mas que esse tipo de pregação não tem raízes profundas que adentrem às almas para poderem frutificar. Vieira fala também sobre as histórias apostólicas, com as quais ele exemplifica durante essa parte do sermão, posto que está a falar de evangelização, os apóstolos que fazem as redes e as lançam ao mar para pescar os peixes e a célebre afirmação de Cristo neste ocorrido sobre o “pescar homens”, sendo a rede a pregação o orador postula:

A rede tem chumbada que vai ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiais e mais leves, e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem faz a rede. (Vieira,p.106)

Na oitava parte, Vieira dispensa atenção à voz do pregador, o qual nos tempos antigos bradava em seus dias apenas conversava com os ouvintes. O aspecto apresentado por Vieira retoma em grande medida os conceitos da oratória clássica sobre a eloquência, e novamente com exemplos de Cristo e de João Batista ele empreende o “bradar” que está mais para eloquência como importante para ascensão do público do que a própria razão. Então ele segue exemplificando com as escrituras através de Moisés, Amós e Salomão.

O nono capítulo do Sermão é, o que se pode dizer, um texto metalinguístico, porque o autor dedica-se a explicar sobre o modo como a linguagem é utilizada nos púlpitos. Ele mais uma vez retoma a figura da ironia dizendo que a palavra pregada nos púlpitos não é a palavra de Deus, pois se fosse seria eficaz, porém, onde estão os seus frutos?

Os silogismo estão presentes no modo em que o padre fala sobre o que é pregar as palavras de Deus, ou seja, o que está na Escritura e o que é pregar a palavra de Deus, no sentido que Deus as quis dizer, exemplificando com o texto bíblico em que o diabo tenta a Cristo utilizando palavras da própria Escritura. Esse forte argumento coloca então em questão todas as pregações da época, pois, através de um raciocínio lógico, Vieira leva o ouvinte a repensar nas pregações proferidas no púlpito, o qual para Vieira tornou-se palco de comédias, tal foi o efeito que os pregadores ditos cultos, aqui no sentido ambíguo do contexto, tiveram sobre o lugar sagrado e o orador também faz alguns comentários:

Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comédias em Portugal. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se para do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareço em chamar comédia a muitas pregações das que hoje usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Sêneca, e veríeis se não

acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. (Vieira,p.114)

E ainda para suscitar a indignação dos ouvintes, o orador explana sobre aqueles que pregam o que o auditório quer ouvir e não sobre a essência da palavra de Deus. Até esse trecho, a composição desse cenário vergonhoso para o clero português e aos pregadores que usam de tal forma o púlpito, “indignos verdadeiramente de tão sagrado nome”, repreende-os duramente e para Pécora (2001:p.161) “perdido o decoro e o sentido na forma pretensamente autonomizada, sem a aplicação adequada do ornato, o aplauso do auditório, como as figuras da *elocutio*, testemunham apenas a própria condenação”.

E finalmente na décima e última parte do sermão, o cuidado peculiar na escolha das palavras sem perder o fundo teológico leva o auditório a voltar à tese inicial, “por que as pregações não dão frutos”. Essa racionalização da palavra de Deus, por assim dizer, leva os ouvintes a rever conceitos, valores e nesse sermão especialmente a repensar as pregações, para que reflitam sobre suas obras e descontentes consigo mesmos, se descontentarão com os pregadores.

Todo o sermão transcorre sobre a mesma matéria, e Vieira consegue através de recursos retóricos como as figuras e recursos linguísticos como a exemplificação e a intertextualidade, prender o raciocínio do ouvinte, o qual quer acompanhá-lo no desenvolvimento em a busca da resposta da pergunta inicial, é como um jogo que tem a argumentação e a persuasão como principais trunfos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho alcançou seus objetivos na medida em que, fundamentado principalmente pelas teorias de Aristóteles, Bakhtin e Perelman, agregou aos ensinamentos da Retórica Clássica, as distinções entre os gêneros e a perspectiva da Nova Retórica ao texto doutrinário de Antonio Vieira.

No primeiro capítulo foi exposta a concepção da arte Retórica, que atua principalmente no que diz respeito ao poder da língua e aos usos da linguagem como forma argumentativa e persuasiva.

Não é possível estudar uma definição de Retórica sem referi-la à cultura grega, não unicamente porque Retórica é um termo de origem grega, mas, sobretudo, porque a Retórica compõe uma das marcas fundamentais do mundo grego.

Nos estudos que Aristóteles deixou, a Retórica como arte faz convencer o interlocutor através de uma linguagem bem elaborada, a verdadeira retórica procura fazer o interlocutor convencer-se de que o emissor está correto, através de seu próprio raciocínio. Ainda no conceito do filósofo, as paixões humanas permeiam todas as decisões, portanto devem ser consideradas no momento de elaboração do texto argumentativo.

Durante a Idade Média, a Retórica foi apenas utilizada como meio de estudo de textos. Essa medida foi, apesar de tudo, da maior importância na constituição do discurso literário durante o renascimento e o barroco, assim como influenciou os planos de estudos da humanidade e marcou particularmente a oratória sagrada, que merece o destaque por ser o objeto de estudo desse trabalho.

Este trabalho pôde explicar, ainda que passados alguns séculos, o raciocínio retórico-dialético que retoma a ideia de "acordo" com o receptor. Perelman-Tyteca introduziram a Nova Retórica e a noção de auditório universal, possibilitando a leitura de um texto do século XVII à luz de uma teoria proposta no século XX.

Conforme Reboul (2004), as figuras, as quais ele nomeia figuras retóricas,

desempenham um papel persuasivo e são divididas em quatro funções: figuras de palavras, que agem sobre o aspecto sonoro ou gráfico das palavras, o significante; de sentido, agem sobre o significado, desempenhando o papel lexical; de construção, dizem respeito à construção da frase ou do discurso; de pensamento, só dizem respeito à relação entre idéias, porém, *essa definição dos antigos levaria a excluir-las do campo das figuras, e mesmo da retórica, que se caracteriza pela íntima ligação entre língua e pensamento.* (Reboul, 2004, pg.130).

Em resumo, as figuras de linguagem devem dar mais energia à expressão, mais beleza à frase, mais leveza ou intensidade ao discurso, sem esquecer a clareza do pensamento, visando o principal objetivo da Retórica, persuadir através do poder da palavra. O texto literário se apropria desse jogo com maestria, um excelente exemplo é o texto vieiriano, o jesuíta que eleva a língua por meio de uma magnífica argumentação em seus sermões.

O destaque que é dado ao conceito de gênero nesta pesquisa é apropriado do grande teórico Bakhtin, que confronta os contextos em que a comunicação é efetivada ao enunciado propriamente dito, todos, é claro, subjugados às atividades humanas. Foi importante explicar essa concepção porque o *Sermão da Sexagésima* que foi analisado, pertence a um grupo específico das classificações de gênero, o gênero epidíctico.

Antonio Vieira, inserido no contexto do século XVII, ou seja, período Barroco, pôde usufruir uma educação sacerdotal herdada dos humanistas do Renascimento, escola anterior, em conjunto a doutrina eclesiástica do Santo Ofício. As circunstâncias factuais que foram expressas neste trabalho no capítulo três, condicionaram o padre Vieira a seguir a ordem dos jesuítas, ordem esta defendida com furor por ele principalmente no *Sermão da Sexagésima*.

A arte de pregar não era privilégio de qualquer pessoa do século XVII, devido a acontecimentos político-sociais ocorridos entre metrópole e colônia, por assim dizer, Portugal e Brasil, respectivamente, a Igreja Católica estava preocupada em perder ou não converter fiéis, principalmente com o advento da Reforma Protestante. Vieira acabou se tornando o ícone e orador representante dessa conturbada época.

Enfim, este trabalho pretendeu analisar e explicar o sermão como instrumento de censura, característica principal do gênero que o rege. O repertório de figuras, principalmente as metáforas, analogias, alegorias e antíteses, unidos a um elaborado plano de desenvolvimento de raciocínio puderam na análise do corpus desse trabalho demonstrar que o poder de argumentação, convencimento e persuasão eram características inatas ao sacerdote.

O sermão em questão foi proferido na Capela Real de Lisboa, com a finalidade de criticar outras ordens do Ofício, em especial a dos dominicanos, e Antonio Vieira, como exemplo de orador sacro conseguiu atingir todos os objetivos que se pode alcançar no seu sermão-meta, o *Sermão da Sexagésima*, uma verdadeira “Bíblia” nos ensinamentos da arte de pregar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antonio S., *A arte de argumentar – Gerenciando razão e emoção*. 3ª edição. Ateliê: São Paulo, 2001

ANTUNES, Irandé, *Lutar com palavras - Coesão e coerência*. Parábola: São Paulo, 2005.

ARISTÓTELES, introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca, *Retórica das paixões*. 2ª edição. Coleção Clássicos. Martins Fontes. São Paulo, 2000.

_____, *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BAKHTIN, Mikhail, *Estética da Criação Verbal*, tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª edição. Martins Fontes. São Paulo, 1997.

LISBOA, João F., *Vida do Padre Antonio Vieira*. Volume XIX. W.M. Jackson: Rio de Janeiro, 1952.

MOISÉS, Massaud, *A Literatura Brasileira através dos textos*. 26ª edição. Cultrix: São Paulo, 2007.

_____, *A Literatura Portuguesa - O roteiro das grandes literaturas*. 6ª edição. Cultrix: São Paulo, 1968.

NOGUEIRA JÚNIOR, José Everaldo, *A língua portuguesa na prosa sermonária do século XVII: um estudo retórico discursivo do Sermão XXVII de Pe. Antonio Vieira*, Dissertação de Mestrado – PUC, São Paulo, 1999.

PÉCORA, Alcir, *Máquina de gêneros*, Edusp: São Paulo, 2001.

PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS, Lucie Tyteca, *Tratado da Argumentação, A Nova Retórica*. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

REBOUL, Olivier, *Introdução à Retórica*. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

TRINGALI, Dante, *Introdução à Retórica, A Retórica como crítica Literária*. Duas Cidades. São Paulo, 1988.

VIEIRA, Antonio, Pe, *Sermões - A arte da retórica*. 1ª edição. Russel: São Paulo, 2006.

Anexo – Sermão da Sexagésima

Semen est verbum Dei. S. Lucas, VIII, 11.

I

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exiit qui seminat, seminare. Diz Cristo que «saiu o pregador evangélico a semear» a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a semente e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semente; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semente e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

Mas daqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou porque os pregadores evangélicos, os homens que professam pregar e propagar a Fé, é bem que saiam, mas não é bem que tornem. Aqueles animais de Ezequiel que tiravam pelo carro triunfal da glória de Deus e significavam os pregadores do Evangelho que propriedades tinham? *Nec revertentur, cum ambularent.* «Uma vez que iam, não tornavam». As rédeas por que se governavam era o ímpeto do espírito, como diz o mesmo texto: mas esse espírito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso

para os trazer; porque sair para tornar melhor é não sair. Assim argúis com muita razão, e eu também assim o digo. Mas pergunto: E se esse semeador evangélico, quando saiu, achasse o campo tomado; se se armassem contra ele os espinhos; se se levantassem contra ele as pedras, e se lhe fechassem os caminhos que havia de fazer? Todos estes contrários que digo e todas estas contradições experimentou o semeador do nosso Evangelho. Começou ele a semear (diz Cristo), mas com pouca ventura. «Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos»: *Aliud cecidit inter spinas et simul exortae spinae suffocaverunt illud*. Outra parte caiu sobre pedras, e secou-se nas pedras por falta de humidade»: *Aliud cecidit super petram, et natum aruit, quia non habebat humorem*. «Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves»: *Aliud cecidit secus viam, et conculcatum est, et volucres coeli comederunt illud*. Ora vede como todas as criaturas do Mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as criaturas quantas há no Mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras; e não há mais. Faltou alguma destas que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensível o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notai a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, ali achou maior agravo. As pedras secaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no; e os homens? Pisaram-no: *Conculcatum est. Ab hominibus* (diz a Glossa).

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae*: «Ide, e pregai a toda a criatura». Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão-de pregar aos troncos?! Hão-de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens

troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça!

Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spinae suffocaverunt illud*; trigo comido: *Volucres caeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcutum est*. Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Notum aruit, quia non habebant humorem!* E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcutum est!* Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados.

Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás?-- Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel com que arguistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais da carroça de Deus, «quando iam não tornavam»: *Nec revertebantur, cum*

ambulant. Lede agora dois versos mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto que «aqueles animais tornavam, e semelhança de um raio ou corisco»: *ibant et revertabantur in similitudinem fulgoris coruscantis*. Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Porque quem vai e volta como um raio, não torna. Ir e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante. Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum*.

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira porque, ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, porque se perderá também? Porque não dará fruto? Porque não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Porque não terá também o seu Outono a vida? As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo. Será bem que o Mundo morra à fome? Será bem que os últimos dias se passem em flores? -- Não será bem, nem Deus quer que seja, nem há-de ser. Eis aqui porque eu dizia ao princípio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei-de pregar, e aos mais que ouvirdes esta Quaresma.

II

Semen est verbum Dei.

O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do Mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque a desatendem ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*

Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso, depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o Mundo fora santo. Este argumento de fé, fundado na autoridade de Cristo, se aperta ainda mais na experiência, comparando os tempos passados com os presentes. Lede as histórias eclesiásticas, e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis renunciando os ceptros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? -- Nada disto. Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos

omnipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, porque não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

III

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o sementeiro, uma parte se logrou e três se perderam. E porque se perderam estas três? -- A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves. Isto é o que diz Cristo; mas notai o que não diz. Não diz que parte alguma daquele trigo se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela

desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois porque não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva? -- Porque o sol e a chuva são as afluências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta: do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influências do Céu, isso nunca é nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua parte, com o sol para aquecer e com a chuva para regar; com o sol para alumiar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos*. Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não há para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae, et non feci?* -- disse o mesmo Deus por Isaías.

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortae spinae suffocaverunt illud*. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit*. O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão funda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos, não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras, não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E porquê? -- Os espinhos por

agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas*: O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a ele; e o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão vos picou e vós, e não é assim; vós sois os que picais o sermão. Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são piores que as pedras! A vara de Moisés abrandou as pedras, e não pôde abrandar uma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, et egressae sunt aquae largissimae. Induratum est cor Pharaonis*. E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras.

Pudéramos argüir ao lavrador do Evangelho de não cortar os espinhos e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de indústria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. É tanta a força da divina palavra, que, sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. É tanta a força da divina palavra, que, sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. Corações embaraçados como espinhos corações secos e duros como pedras, ouvi a palavra de Deus e tende confiança! Tomai exemplo nessas mesmas pedras e nesses espinhos! Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do Céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem.

Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras

triumfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, porque não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, porque não faz fruto a palavra de Deus? -- Por culpa nossa.

IV

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? -- No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa.

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? -- Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? -- o conceito que de sua vida têm os ouvintes.

Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de David derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus*. As vozes da harpa de David lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, et percutiebat manu sua*. Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? -- Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras! Quis Deus converter o Mundo, e que fez? -- Mandou ao Mundo seu Filho feito homem. Notai. O Filho de Deus, enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum non factum*. O Filho de Deus, enquanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus juntamente: *Verbum caro factum est*. De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu a eficácia da salvação do Mundo. Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No Céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no Céu e na Terra? Pois como no Céu obriga e necessita a todos a o amarem, e na terra não? A razão é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos: *Videbimus eum sicut est*; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu*; e o que entra pelos ouvidos crê-se, o que entra pelos

olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros.

Vai um pregador pregando a Paixão, chega ao pretório de Pilatos, conta como a Cristo o fizeram rei de zombaria, diz que tomaram uma púrpura e lha puseram aos ombros; ouve aquilo o auditório muito atento. Diz que teceram uma coroa de espinhos e que lha pregaram na cabeça; ouvem todos com a mesma atenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe meteram nelas uma cana por ceptro; continua o mesmo silêncio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se neste espaço uma cortina aparece a imagem do *Ecce Homo*; eis todos prostrados por terra, eis todos a bater no peito eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas. Que é isto? Que apareceu de novo nesta igreja? Tudo o que descobriu aquela cortina, tinha já dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela coma e daqueles espinhos, já tinha dito daquele ceptro e daquela cana. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? -- Porque então era *Ecce Homo* ouvido, e agora é *Ecce Homo* visto; a relação do pregador entrava pelos ouvidos a representação daquela figura entra pelos olhos. Sabem, Padres pregadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? -- Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Porque convertia o Baptista tantos pecadores? -- Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos. As palavras do Baptista pregavam penitência: *Agite poenitentiam*. «Homens, fazei penitência» -- e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: «eis aqui está o homem» que é o retrato da penitência e da aspereza. As palavras do Baptista pregavam jejum e repreendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Baptista pregavam composição e modéstia, e condenavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem vestido de peles de camelo, com as cordas e cilício à raiz da carne. As palavras do Baptista pregavam despegos e retiros do Mundo, e fugir das ocasiões e dos homens; e o exemplo Clamava: *Ecce Homo*: eis aqui o homem que deixou as cortes e as sociedades, e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e vêem outra,

como se hão-de converter? Jacob punha as varas manchadas diante das ovelhas quando concebiam, e daqui procedia que os cordeiros nasciam malhados. Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas manchas, como hão-de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma cousa é o semeador e outra o que semeia, como se há-de fazer fruto?

Muito boa e muito forte razão era esta de não fazer fruto a palavra de Deus; mas tem contra si o exemplo e experiência de Jonas. Jonas fugitivo de Deus, desobediente, contumaz, e, ainda depois de engolido e vomitado iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso e amigo da própria estimação que da honra de Deus e salvação das almas, desejoso de ver subvertida a Nínive e de a ver subverter com seus olhos, havendo nela tantos mil inocentes; contudo este mesmo homem com um sermão converteu o maior rei, a maior corte e o maior reinado do Mundo, e não de homens fiéis senão de gentios idólatras. Outra é logo a causa que buscamos. Qual será?

V

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empedado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afectado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há-de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na música tudo se faz por compasso, na arquitectura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte caia onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. «Caía o trigo nos espinhos e nascia» *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinae* «Caía o trigo nas pedras e nascia»: *Aliud cecidit super petram, et ortum*. «Caía o trigo na terra boa e nascia»: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum*. Ia o trigo caindo e ia nascendo.

Assim há-de ser o pregar. Hão-de cair as coisas não-de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm! Há tal tirania? Então no meio disto, que bem levantado está aquilo! Não está a coisa no levantar, está no cair: *Cecidit*. Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do sementeiro, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há-de ter três modos de cair: há-de cair com queda, há-de cair com cadência há-de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas porque não-de vir bem trazidas e em seu lugar; não-de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não-de ser escabrosas nem dissonantes; não-de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há-de ser tão natural e tão desafectada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit*.

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E qual foi ele? -- O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu. *Coeli enarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat Firmamentum* -- diz David. Suposto que o céu é pregador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo David; tem palavras e tem sermões; e mais, muito bem ouvidos. *Non sunt loquellae, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum*. E quais são estes sermões e estas palavras do céu? -- As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: *Stellae manentes in ordine suo*. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz,

da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não tenhamos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura e o mareante para sua navegação e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: -- estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem.

Sim, Padre; porém esse estilo de pregar não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. E possível que somos portugueses e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?! Assim como há Lexicon para o grego e Calepino para o latim, assim é necessário haver um vocabulário do púlpito. Eu ao menos o tomara para os nomes próprios, porque os cultos têm desbaptizados os santos, e cada autor que alegam é um enigma. Assim o disse o Ceptro Penitente, assim o disse o Evangelista Apeles, assim o disse a Águia de África, o Favo de Claraval, a Púrpura de Belém, a Boca de Ouro. Há tal modo de alegar! O Ceptro Penitente dizem que é David, como se todos os ceptros não foram penitência; o Evangelista Apeles, que é S. Lucas; o Favo de Claraval, S. Bernardo; a Águia de África, Santo Agostinho; a Púrpura de Belém, S. Jerónimo; a Boca de Ouro, S. Crisóstomo. E quem quitaria ao outro cuidar que a Púrpura de Belém é Herodes que a Águia de África é Cipião, e que a Boca de Ouro é Midas? Se houvesse um advogado que alegasse assim a Bártolo e Baldo, havíeis de fiar dele o vosso pleito? Se houvesse

um homem que assim falasse na conversação, não o havíeis de ter por néscio? Pois o que na conversação seria necessidade, como há-de ser discrição no púlpito?

Boa me parecia também esta razão; mas como os cultos pelo pulido e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrósio, com Crisólogo, com Leão, e pelo escuro e duro com Clemente Alexandrino, com Tertuliano, com Basílio de Selêucia, com Zeno Veronense e outros, não podemos negar a reverência a tamanhos autores posto que desejáramos nos que se prezam de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

VI

Será pela matéria ou matérias que tomam os pregadores? Usa-se hoje o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos e quem levanta muita caça e não segue nenhuma não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é também esta. O sermão há-de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos géneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há-de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste género. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há-de colher senão vento? O Baptista convertia muitos em Judeia; mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*: a preparação para o Reino de Cristo. Jonas converteu os Ninivitas; mas quantos assuntos tomou? Um só assunto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto; e nós queremos

pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objecto, um só assunto, uma só matéria.

Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, à que podemos chamar «árvore da vida», há-de haver o proveitoso

do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, não só com os preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos, mas com a prática observada do príncipe dos oradores evangélicos, S. João Crisóstomo, de S. Basílio Magno, S. Bernardo. S. Cipriano, e com as famosíssimas orações de S. Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregório e muitos outros, se acham os Evangelhos apostilados com nomes de sermão e homilias, uma coisa é expor, e outra pregar; uma ensinar e outra persuadir, desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo António de Pádua e S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo que seja ainda esta a verdadeira causa que busco.

VII

Será porventura a falta de ciência que há em muitos pregadores? Muitos pregadores há que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há-de pregar o seu, e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: *Semen suum*. Semeou o seu, e não o alheio, porque o alheio e, o furtado não é bom para semear, ainda que o furto seja de ciência. Comeu Eva o pomo da ciência, e queixava-me eu antigamente desta nossa mãe; já que comeu o pomo, por que lhe não guardou as pevides? Não seria bem que chegasse a nós a árvore, já que nos chegaram os encargos dela? Pois por que não o fez assim Eva? Porque o pomo era furtado, e o alheio é bom para comer, mas não é bom para semear: é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguém terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo, que se nasce, não há-de deitar raízes, e o que não tem raízes não pode dar fruto. Eis aqui por que muitos pregadores

não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *Semen suum*. O pregar é entrar em batalha com os vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando David saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.

Fez Cristo aos Apóstolos pescadores de homens, que foi ordená-los de pregadores; e que faziam os Apóstolos? Diz o texto que estavam: Reficientes retia sua: «Refazendo as redes suas; eram as redes dos Apóstolos, e não eram alheias. Notai: *Retia sua*: Não diz que eram suas porque as compraram, senão que eram suas porque as faziam; não eram suas porque lhes custaram o seu dinheiro, senão porque lhes custavam o seu trabalho. Desta maneira eram as redes suas; e porque desta maneira eram suas, por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens. Com redes alheias, ou feitas por mão alheia, podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar. A razão disto é porque nesta pesca de entendimentos só quem sabe fazer a rede sabe fazer o lanço. Como se faz uma rede? Do fio e do nó se compõe a malha; quem não enfia nem ata, como há-de fazer rede? E quem não sabe enfiar nem sabe atar, como há-de pescar homens? A rede tem chumbada que vai ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiais e mais leves; e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem não faz a pregação, até o chumbo é cortiça.

As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

Veio o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e quando as línguas desciam do Céu, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na boca; mas elas foram-se pôr na

cabeça. Pois por que na cabeça e não na boca, que é o lugar da língua? Porque o que há-de dizer o pregador, não lhe há-de sair só da boca; há-lhe de sair pela boca, mas da cabeça. O que sai só da boca pára nos ouvidos; o que nasce do juízo penetra e convence o entendimento. Ainda tem mais mistério estas línguas do Espírito Santo. Diz o texto que não se puseram todas as línguas sobre todos os Apóstolos, senão cada uma sobre cada um: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum*. E por que cada uma sobre cada um, e não todas sobre todos? Porque não servem todas as línguas a todos, senão a cada um a sua. Uma língua só sobre Pedro, porque a língua de Pedro não serve a André; outra língua só sobre André, porque a língua de André não serve a Filipe; outra língua só sobre Filipe, porque a língua de Filipe não serve a Bartolomeu, e assim dos mais. E senão vede-o no estilo de cada um dos Apóstolos, sobre que desceu o Espírito Santo. Só de cinco temos escrituras; mas a diferença com que escreveram, como sabem os doutos, é admirável. As penas todas eram tiradas das asas daquela pomba divina; mas o estilo tão diverso, tão particular e tão próprio de cada um, que bem mostra que era seu. Mateus fácil, João misterioso, Pedro grave, Jacob forte, Tadeu sublime, e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada cláusula um raio e cada razão um triunfo. Ajuntai a estes cinco S. Lucas e S. Marcos, que também ali estavam, e achareis o número daqueles sete trovões que ouviu S. João no Apocalipse. *Loquuti sunt septem tonitrua voces suas*. Eram trovões que falavam e desarticulavam as vozes, mas essas vozes eram suas: *Voces suas*; «suas, e não alheias», como notou Ansberto: *Non alienas, sed suas*. Enfim, pregar o alheio é pregar o alheio, e com o alheio nunca se fez coisa boa.

Contudo eu não me firmo de todo nesta razão, porque do grande Baptista sabemos que pregou o que tinha pregado Isaías, como notou S. Lucas, e não com outro nome, senão de sermões: *Praedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaiae prophetae*. Deixo o que tomou Santo Ambrósio de S. Basílio; S. Próspero e Beda de Santo Agostinho; Teofilato e Eutímio de S. João Crisóstomo.

Será finalmente a causa, que tanto há buscamos, a voz com que hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. Boa era também esta, mas não a podemos provar com o semeador, porque já dissemos que não era ofício de boca. Porém o que nos negou o Evangelho no semeador metafórico, nos deu no semeador verdadeiro, que é Cristo. Tanto que Cristo acabou a parábola, diz o Evangelho que começou o Senhor a bradar: *Haec dicens clamabat*. Bradou o Senhor, e não arrazoou sobre a parábola, porque era tal o auditório, que fiou mais dos brados que da razão.

Perguntaram ao Baptista quem era? Respondeu ele: *Ego vox clamantis in deserto*: Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto. Desta maneira se definiu o Baptista. A definição do pregador, cuidava eu que era: voz que arrazoar e não voz que brada. Pois por que se definiu o Baptista pelo bradar e não pelo arrazoar; não pela razão, senão pelos brados? Porque há muita gente neste mundo com quem podem mais os brados que a razão, e tais eram aqueles a quem o Baptista pregava. Vede-o claramente em Cristo. Depois que Pilatos examinou as acusações que contra ele se davam, lavou as mãos e disse: *Ego nullam causam invenio in homine isto*: Eu nenhuma causa acho neste homem. Neste tempo todo o povo e os escribas bradavam de fora, que fosse crucificado: *At illi magis clamabant, crucifigatur*. De maneira que Cristo tinha por si a razão e tinha contra si os brados. E qual pôde mais? Puderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar, os brados bastaram para o pôr na Cruz. E como os brados no Mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem. Por isso Isaías chamou aos pregadores «nuvens»: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração; com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há-de ser a voz do pregador, um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o Mundo.

Mas que diremos à oração de Moisés? *Concrescat ut pluvia doctrina mea: fluat ut ros eloquim meum*: Desça minha doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho que se destila brandamente e sem ruído. Que diremos ao exemplo ordinário de Cristo, tão celebrado por Isaías: *Non clamabit neque audietur vox ejus foris*? Não clamará, não bradará, mas falará com uma voz tão moderada que se não possa ouvir fora. E não há dúvida que o praticar familiarmente, e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma. Em conclusão que a causa de não fazerem hoje fruto os pregadores com a palavra de Deus, nem é a circunstância da pessoa: *Qui seminat*: nem a do estilo: *Seminare*; nem a da matéria: *Semen*; nem a da ciência: *Suum*; nem a da voz: *Clamabat*. Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salamão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma destas razões que discorremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

IX

As palavras que tomei por tema o dizem. *Semen est verbum Dei*. Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como diria) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a eficácia e os efeitos da palavra de Deus? *Ventum seminabunt, et turbinem colligent*, diz o Espírito Santo: «Quem semeia ventos, colhe tempestades». Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há a Igreja de Deus de correr tormenta, em vez de colher fruto?

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus?

Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere*, disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio. Tentou o Demônio a Cristo a que fizesse das pedras pão. Respondeu-lhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore dei*. Esta sentença era tirada do capítulo VIII do Deuteronomio. Vendo o Demônio que o Senhor se defendia da tentação com a Escritura, leva-o ao Templo, e alegando o lugar do salmo XC, diz-lhe desta maneira: *Mille te deorsum; scriptum est enim, quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: «Deita-te daí abaixo, porque prometido está nas Sagradas Escrituras que os anjos te tomarão nos braços, para que te não faças mal.» De sorte que Cristo defendeu-se do Diabo com a Escritura, e o Diabo tentou a Cristo com a Escritura. Todas as Escrituras são palavra de Deus: pois se Cristo toma a Escritura para se defender do Diabo, como toma o Diabo a Escritura para tentar a Cristo? A razão é porque Cristo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o Diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do Diabo. As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as disse, são defesa, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quis o Diabo derrubar a Cristo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pináculo do templo. O pináculo do templo é o púlpito, porque é o lugar mais alto dele. O Diabo tentou a Cristo no deserto, tentou-o no monte, tentou-o no templo: no deserto, tentou-o com a gula; no monte, tentou-o com a ambição; no templo, tentou-o com as Escrituras mal interpretadas, e essa é a tentação de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado dela, senão a Cristo, a sua fé.

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome), dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las

alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no autor de ambos os Testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Génesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus? Mais: nesses lugares, nesses textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse? É esse o sentido em que os entendem os padres da Igreja? É esse o sentido da mesma gramática das palavras? Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos que não façam fruto as pregações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos, e não havemos de querer dizer o que elas dizem?! E então ver cabecear o auditório a estas coisas, quando devíamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vossos aplausos? Oh, que bem levantou o pregador! Assim é; mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao santo, outro ao entendimento e ao sentido de ambos. Então que se converta o mundo com falsos testemunhos da palavra de Deus? Se a alguém parecer demasiada a censura, ouça-me.

Estava Cristo acusado diante de Caifás, e diz o Evangelista S. Mateus que por fim vieram duas testemunhas falsas: *Novissime venerunt duo falsi testes*. Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os Judeus destruíssem o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias. Se lermos o Evangelista S. João, acharemos que Cristo verdadeiramente tinha dito as palavras referidas. Pois se Cristo tinha dito que havia de reedificar o templo dentro em três dias, e isto mesmo é o que referiram as testemunhas, como lhes chama o Evangelista testemunhas falsas: *Duo falsi testes*? O mesmo S. João deu a razão: *Loquebatur de templo corporis sui*. Quando Cristo disse que em três dias reedificaria o templo, falava o Senhor do templo místico de seu corpo, o qual os Judeus destruíram pela morte e o Senhor o reedificou pela ressurreição; e como

Cristo falava do templo místico e as testemunhas o referiram ao templo material de Jerusalém, ainda que as palavras eram verdadeiras, as testemunhas eram falsas. Eram falsas, porque Cristo as dissera em um sentido, e eles as referiram em outro; e referir as palavras de Deus em diferente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus, é levantar falso testemunho às Escrituras. Ah, Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, que me não quero excluir deste número! Que muito logo que as nossas imaginações, e as nossas vaidades, e as nossas fábulas não tenham a eficácia de palavra de Deus!

Miseráveis de nós, e miseráveis dos nossos tempos! Pois neles se veio a cumprir a profecia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt*: Virá tempo, diz S. Paulo, «em que os homens não sofrerão a doutrina sã. *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus*: Mas para seu apetite terão grande número de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quais não façam mais que adular-lhes as orelhas. *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur*: Fecharão os ouvidos à verdade, e abri-los-ão às fábulas». Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são sutilezas e pensamentos aéreos, sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareço em chamar comédias a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Séneca, e veríeis se não acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do Mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros, e muito mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano, e gentio, que nas pregações de um orador cristão, e muitas vezes, sobre cristão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhe chamar comédia, porque muitos sermões há que não são comédia, são farsa. Sobe talvez ao púlpito um pregador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em um hábito de penitência (que todos, mais ou menos ásperos, são de penitência; e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas); a vista é de horror, o nome de reverência, a matéria de compunção, a dignidade de oráculo, o lugar e a expectativa de silêncio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditório estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse e visse entrar este homem a falar em público naqueles trajos e em tal lugar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do Céu; que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com o zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto e com as ações havia de fazer em pó e em cinza os vícios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós que é o que vemos? Vemos sair da boca daquele homem, assim naqueles trajos, uma voz muito afectada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar jasmims, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não é isto farsa a mais digna de riso, se não fora tanto para chorar? Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio, veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar. Já que o púlpito é teatro, e o sermão comédia se quer, não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido e com o ofício? Assim pregava S. Paulo, assim pregavam aqueles patriarcas que se vestiram e nos vestiram destes hábitos? Não louvamos e não admiramos o seu pregar? Não nos prezamos de seus filhos? Pois por que não os imitamos? Por que não pregamos como eles pregavam? Neste mesmo púlpito pregou S. Francisco Xavier, neste mesmo púlpito pregou S. Francisco de Borja; e eu, que tenho o mesmo hábito, por que não pregarei a sua doutrina, já que me falta o seu espírito?

X

Dir-me-eis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado, que, se pregamos assim, zombam de nós os ouvintes, e não gostam de ouvir. Oh, boa razão para um servo de Jesus Cristo! Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso ofício! A doutrina de que eles zombam, a doutrina que eles desestimam, essa é a que lhes devemos pregar, e por isso mesmo, porque é mais proveitosa e a que mais não há mister. O trigo que caiu no caminho comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Cristo, são os demónios, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit Diabolus, et tollit verbum de corde ipsorum!* Pois por que não comeu o Diabo o trigo que caiu entre os espinhos, ou o trigo que caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? Porque o trigo que caiu no caminho: *Conculcatum est ab hominibus*: Pisaram-no os homens; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens desprezam, essa é a de que o Diabo se teme. Dessoutros conceitos, dessoutros pensamentos, dessoutras sutilezas que os homens estimam e prezam, dessas não se teme nem se acautela o Diabo, porque sabe que não são essas as pregações que lhe não-de tirar as almas das unhas. Mas daquela doutrina que cai: *Secus viam*: daquela doutrina que parece comum: *Secus viam*; daquela doutrina que parece trivial: *Secus viam*; daquela doutrina que parece trilhada: *Secus viam*; daquela doutrina que nos põe em caminho e em via da nossa salvação (que é a que os homens pisam e a que os homens desprezam), essa é a de que o Demónio se receia e se acautela, essa é a que procura comer e tirar do Mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam pregar os pregadores, e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se eles não o fizerem assim e zombarem de nós, zombemos nós tanto de suas zombarias como dos seus aplausos. *Per infamiam et bonam famam*, diz S. Paulo: O pregador há-de saber pregar com fama e sem fama. Mais diz o Apóstolo: Há-de pregar com fama e com infâmia. Pregador para ser afamado, isso é mundo: mas infamado, e pregar o que convém, ainda que seja com descrédito de sua fama?, isso é ser pregador de Jesus Cristo.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh, que advertência tão digna! Que médico há que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? Sarem e não gostem; salvem-se e amargue-lhes, que para isso somos

médicos das almas. Quais vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Cristo a parábola, diz que as pedras são aqueles que ouvem a pregação com gosto: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum*. Pois será bem que os ouvintes gostem e que no cabo fiquem pedras?! Não gostem e abrandem-se; não gostem e quebrem-se; não gostem e frutifiquem. Este é o modo com que frutificou o trigo que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclui Cristo. De maneira que o frutificar não se ajunta com o gostar, senão com o padecer; frutifiquemos nós, e tenham eles paciência. A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atónito, sem saber parte de si, então é a preparação qual convém, então se pode esperar que faça fruto: *Et fructum afferunt in patientia*.

Enfim, para que os pregadores saibam como hão-de pregar e os ouvintes a quem hão-de ouvir, acabo com um exemplo do nosso Reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos; não os nomeio, porque os hei-de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade qual dos dois fosse maior pregador; e como não há juízo sem inclinação, uns diziam este, outros, aquele. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu desta maneira: «Entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo; só direi uma diferença, que sempre experimento: quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim.»

Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador; agora quisera eu desenganar-vos tanto, que saíreis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus

pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christus servus non essem*, dizia o maior de todos os pregadores, S. Paulo: Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh, contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que nesta mesma Igreja há tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo, Angelis et hominibus*. Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve e nos há-de julgar. Que conta há-de dar a Deus um pregador no Dia do Juízo? O ouvinte dirá: Não mo disseram. Mas o pregador? *Vae mihi, quia tacui*: Ai de mim, que não disse o que convinha! Não seja mais assim, por amor de Deus e de nós.

Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum*.